



Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA - UFRB  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

DANIEL SANTOS DE OLIVEIRA

**BINGO TEMÁTICO:**  
**“OS PROBLEMAS SOCIOAMBIENTAIS DA PECUÁRIA EM  
MORRO DO CHAPÉU-BA”**

Amargosa-BA  
2018

**DANIEL SANTOS DE OLIVEIRA**

**BINGO TEMÁTICO:  
“OS PROBLEMAS SOCIOAMBIENTAIS DA PECUÁRIA EM  
MORRO DO CHAPÉU-BA”**

Produto Final apresentado ao Curso de Mestrado Profissional em Educação no Campo, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, como requisito para a obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr. Luís Flavio Reis Godinho

Amargosa-BA  
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO  
DO CAMPO

COMISSÃO EXAMINADORA DA QUALIFICAÇÃO DO PRODUTO FINAL  
DE DANIEL SANTOS DE OLIVEIRA

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Luís Flavio Reis Godinho  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB (Orientador)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Rosana Soares  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB (Membro Externo)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Gilsélia Freitas  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB (Membro Interno)

Boi, Boi, Boi...  
Jorge Conceição,  
estará sempre vivo  
em nosso coração!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à força cósmica por me presentear com as informações contidas nesse trabalho. Dedico o mesmo ao mestre Jorge Conceição, que partiu desse plano, deixando um imenso legado de saberes sagrados voltados ao cuidado da vida viva.

Esse trabalho também é dedicado a todos os seres vivos que estão sendo massacrados pela pecuária.

A toda a minha família, pelo carinho e pelo apoio.

A todos os meus parceiros e parceiras que passaram pelo grupo UNIRAAM (Universidade da Reconstrução Ancestral Amorosa). Todos contribuíram para a construção desse trabalho, principalmente meus amigos-irmãos Lídio dos Santos Filho, Fabrícia Santos, Maiara dos Reis, Maiara Potira e Leonardo Rocha que formaram junto comigo o presente grupo de pesquisa.

Também agradeço o revisor ortográfico André Galvão e o artista plástico Charles Carvalho pelo belíssimo trabalho prestado.

A meu orientador, Prof<sup>o</sup> Luís Flávio Godinho, que sem falsa modéstia realizou com muito profissionalismo e precisão seu papel de orientador.

Aos docentes Prof<sup>a</sup> Gilsélia Freitas, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Rosana Soares e Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup>. Antônio Maurício Brito pelas contribuições e críticas que ajudaram no aperfeiçoamento desse Trabalho de Conclusão. A Prof<sup>a</sup> Gilsélia Freitas foi uma grande parceira em todo esse período de mestrado.

Para finalizar, a todos os entrevistados, amigos e professores do mestrado. Todos estes são muito mais que professores e amigos, são companheiros e companheiras de luta. A Também deixo registrada a contribuição de minha colega de trabalho Jaqueline Brito em todo esse percurso e do companheiro Toni Valois de Morro do Chapéu.

Esse trabalho também se solidariza e se coloca na trincheira de luta pela redemocratização do país e está empenhado na campanha Lula Livre!

Produto Final homologado pelo Colegiado do Curso de Mestrado Profissional em Educação do Campo em ....., conferindo o Grau de Mestre em Educação do Campo em .....

## RESUMO

O presente trabalho é um material didático que serve como Produto Final de Conclusão do Programa de Pós-Graduação do Curso Profissional em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Ele tem o objetivo de estudar de forma crítica, lúdica e aprofundada os problemas socioambientais provocados pela pecuária no município de Morro do Chapéu – BA, desocultando da sociedade as atrocidades (desmatamento, êxodo rural, aquecimento global, fechamento de escolas no campo etc.) desse sistema produtivo. O nome do projeto é **Bingo Temático: Problemas Socioambientais da Pecuária em Morro do Chapéu – BA** e tem como orientador o professor doutor Luís Flávio dos Reis Godinho. O projeto adotou a Pesquisa Militante como processo metodológico envolvendo transdisciplinarmente várias técnicas e procedimentos de outros dois modelos de pesquisas críticas (pesquisa-ação e pesquisa participante). O Bingo Temático é uma proposta pedagógica transdisciplinar contextualizada, que reuniu diversos campos do conhecimento para analisar os 30 temas geradores que compõem esse material. A Agroecologia Natural Comunitária é apontada aqui como alternativa para superação da pecuária e do agronegócio. A educação do campo tem um papel central na construção de um novo modelo agrário, no sentido de que é dela a responsabilidade de formar os sujeitos construtores da Revolução Agroecológica que tem como pauta não apenas o fim do latifúndio, mas de todo sistema capitalista, antes que este dificulte ainda mais a sobrevivência de todos os seres vivos explorados.

**Palavras-chave:** Pecuária, Problemas Socioambientais, Bingo Temático, Agroecologia Natural Comunitária, Educação do Campo, Capitalismo.

## ABSTRACT

The present work is a didactic material that serves as Final Completion Product of the Graduate Program of the Professional Course in Field Education of the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB). It aims to study in a critical, playful and in depth the socio - environmental problems caused by livestock in the municipality of Morro do Chapéu - BA, exposing the atrocities of this productive system. The name of the project is Bingo Thematic: Socio-environmental Problems of Livestock in Morro do Chapéu - BA and has as advisor the professor doctor Luís Flávio dos Reis Godinho. The project adopted Militant Research as a methodological process involving transdisciplinary techniques and procedures of other models of progressive research. Thematic Bingo is a contextualized holistic pedagogical proposal that brought together several fields of knowledge to analyze the 30 generating themes that make up this material. The Natural Community Agroecology is indicated here as an alternative to overcoming livestock and agribusiness. The education of the countryside plays a central role in the construction of a new agrarian model, in the sense that it is the responsibility of educating the constructive subjects of the Agroecological Revolution that not only abolished the latifundio but with all capitalism before they end Own humanity.

Keywords: Livestock, Socioenvironmental Problems, Thematic Bingo, Natural Community Agroecology, Field Education, Capitalism.

**LISTA DE QUADROS**

QUADRO 01 - HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE MORRO DO CHAPÉU p. 58



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACV - Associação de Condutores e Visitantes

ADAB - Agência de Defesa Agropecuária da Bahia

BBB - Boi, Bala e Bíblia

CEJUC - Colégio Estadual Jubelino Cunegundes

CFP – Centro de Formação de Professores

CPRM - Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos

EMBASA - Empresa Baiana de Águas e Saneamento S.A

FAO – Agência das Nações Unidas para Alimentação e a Agricultura

GAM - Grupo Ambientalista Morrense

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEMA - Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDL – Colesterol Ruim

MEC – Ministério da Educação

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

UNIRAAM – Universidade da Reconstrução Ancestral e Amorosa

TCM – Tribunal de Contas do Município

TCU – Tribunal de Contas da União

TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação

## SUMÁRIO

### RELATÓRIO

1 – INTRODUÇÃO .....	09
2 – METODOLOGIA .....	11
3– REFERENCIAL TEÓRICO.....	23
4 – APRESENTAÇÃO SOCIOAMBIENTAL DE MORRO DO CHAPÉU .....	47

### REFERÊNCIAS

### ANEXO

### **PRODUTO FINAL**

CARDENO PEDAGÓGICO - BINGO TEMÁTICO: OS PROBLEMAS  
SOCIOAMBIENTAIS DA PECUÁRIA EM MORRO DO CHAPÉU-BA

## 1 – INTRODUÇÃO

“O Bingo Temático: Problemas Socioambientais da Pecuária em Morro do Chapéu” é um material didático que serve como Produto Final de Conclusão do Programa de Pós-Graduação do Curso Profissional em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). O presente trabalho é orientado Prof<sup>o</sup> Dr. Luís Flavio Reis Godinho.

Muitos trabalhos acadêmicos acabam não dialogando com a realidade estudada. São projetos de pesquisas que pouco abordam a realidade objetiva, seu contexto e não dão uma devida devolutiva aos espaços pesquisados. Servem apenas para cumprimento das normas burocráticas vigentes para diplomação. Por isso, os programas de mestrados profissionais vêm incentivando a escolha de um produto como Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, que seja útil para a comunidade estudada e para toda a sociedade (BRINGEL e VARELLA, 2016).

O Bingo Temático é uma proposta didática já trabalhada pelo proponente desse Produto Final com outras temáticas<sup>1</sup>. O Bingo é uma ferramenta que possibilita trabalhar os conteúdos de forma lúdica e crítica ao mesmo tempo, além de dinamizar a participação do grupo presente no processo educativo. Nessa edição o tema proposto são os problemas da Pecuária em Morro do Chapéu, os mesmos foram divididos estrategicamente em dois eixos: ambientais e sociais. O grupo de pesquisa levantou 28 palavras geradoras (problemáticas) para compor o presente Bingo.

O projeto optou por adotar a perspectiva da Pesquisa Militante Transdisciplinar<sup>2</sup> como metodologia pela complexidade e pela relação histórica do pesquisador com o tema. Esta prática de pesquisa propõe romper com alguns postulados das pesquisas clássicas, dentre eles a dita “neutralidade” entre pesquisador e objeto, além de agregar outras fontes de produção de conhecimento, para além do científico, em sua caminhada. Aqui o objeto de pesquisa é uma

---

<sup>1</sup> Temáticas já trabalhadas com o bingo: Modos de Produção, Cultura Junina, 4 Operações Matemáticas, Retrospectiva Política 2016 (projeto de extensão da UFRB), Boi Multicor, Aspectos Sociopolíticos e Geográficos de Morro do Chapéu.

<sup>2</sup> Pesquisa militante é um espaço amplo de produção de conhecimento orientado para a ação transformadora, que articula ativamente pesquisadores e movimentos sociais. (BRINGEL e VARELLA, 2016, p.2). E a pesquisa transdisciplinar é abertura para dialogar com o novo, o inesperado e a incerteza; é exercer a compreensão nas relações e interações com a diversidade de saberes, percepções e visões de mundo, é a disposição para sua própria transformação junto com a realidade estudada. (PALAVIZINI, 2012, p.19)

pauta defendida pelo pesquisador-militante voltada para transformação paulatina da realidade estudada.

O trabalho escolheu um referencial teórico composto intelectuais orgânicos contra-hegemônicos<sup>3</sup> que dessem conta do movimento de problematizar o capitalismo em uma de suas faces mais degradantes do ponto de vista social e ambiental que é a pecuária, e paralelamente contribuir para brotar uma nova sociedade, Agroecológica, Natural e Comunista. Os principais teóricos utilizados foram: Karl Marx, István Mészáros, Antonio Gramsci, Bernardo Mançano Fernandes, Leonardo Boff, Miguel Arroyo e Jorge de Souza Conceição.

O objetivo Geral desse trabalho foi realizar uma pesquisa militante transdisciplinar com o intuito de estudar integralmente os problemas socioambientais relacionados à pecuária no município de Morro do Chapéu, como forma de subsidiar a criação de diversos materiais didáticos principalmente para a Educação do Campo, voltados para a superação da pecuária pela Agroecologia Natural Comunitária (ver definição página 45).

O objetivo específico I foi elaborar o “Bingo Temático: Problemas da Pecuária em Morro do Chapéu - BA”, reunindo diversas áreas científicas e os saberes populares ecológicos para construção de um material capaz de abordar criticamente a grande complexidade que envolve o presente objeto de estudo

O Objetivo Específico II foi montar um grupo de pesquisa para construção, em muitas mãos, de todas as etapas do Projeto. O grupo promoveu e participou de várias atividades educacionais (projetos de extensão, grupos de pesquisa, seminários, rodas de conversa, cursos, encontros, eventos, grupo de estudo, oficinas, montagem de organizações e outros) com a finalidade de tecer uma pesquisa-ação que, paralelamente ao levantamento dos dados, fosse também transformando a realidade estudada com ações concretas.

O Bingo trata de 28 temas, na área ambiental debate problemas ligados ao desmatamento, consumo e poluição dos recursos hídricos, perda da biodiversidade, mudanças climáticas, desertificação, poluição do ar, maus tratos aos animais etc.; na área social, os problemas como êxodo rural, exploração da mão de obra, fechamento das escolas do campo, desemprego rural, machismo no campo, concentração de terra, conflitos agrários, aumento da fronteira latifundiária e tantos outros. O Bingo é um grande guarda-chuva pedagógico que

---

<sup>3</sup> *Intelectuais Orgânicos Contra-Hegemônicos são intelectuais defensores das camadas marginalizadas (a margem do sistema, excluídas) que tem em seu trabalho uma práxis voltada para superação do sistema atualmente hegemônico que é o capitalismo. (DURIGETTO, 2014)*

congrega vários ramos científicos, filosóficos e linguagens (geografia, história, física, química, matemática, letras, sociologia, antropologia, filosofia, dentre outros), além dos saberes populares para discutir conteúdos valorativos locais e globais que se desdobram a partir da temática central.

A pecuária montou um grande complexo de poder que exerce forte influência nos mais variados segmentos sociais. Essa estrutura invisibiliza os efeitos negativos provocados pela pecuária. O bingo tem a pretensão de (des)invisibilizar as consequências do setor produtivo que vem provocando os maiores impactos no ambiente e na sociedade.

## **2 - METODOLOGIA**

Cada vez mais cresce o número de pesquisadores (produtores de conhecimentos) que estão abrindo mão das metodologias cartesianas rígidas das ciências “clássicas” surgidas no final da idade média, que trataram de exterminar da academia os modos de produção de conhecimento das camadas populares. O método científico cartesiano criou uma exacerbação da razão em detrimento da intuição, da subjetividade e de todas as outras formas de compreensão da realidade. Esse processo proporcionou o surgimento de um modelo de produção de conhecimento altamente fragmentário com múltiplos campos científicos incomunicáveis entre si. “A organização acadêmica deverá ser reorganizada e vivificada de alto a baixo” (GRAMSCI, 1982, p.125), para que venha dar conta da formação de sujeitos com amplitude no olhar.

Na educação ocorreu a disciplinarização do ensino e a mera reprodução alienada dos conteúdos impostos de cima para baixo pelos modelos educacionais elitistas. A dicotomia se tornou a palavra de ordem dessa sociedade, estabelecendo fronteiras intransponíveis carregadas de preconceitos entre: homem/mulher, branco/negro, opressor/oprimido, conhecimento acadêmico/conhecimento popular, homem/natureza, campo/cidade, sujeito/objeto, razão/intuição, objetividade/subjetividade, quantitativo/qualitativo, dedução/indução e em tantas outras infinitudes de dicotomias (BERMAN, 1986).

O fruto desse modelo foi um profundo “analfabetismo ecológico”. As pessoas estão mergulhadas em um sistema capitalista antropocêntrico caótico, distantes do espírito de solidariedade ecológica que regem a Teia da Vida e da comunhão com os outros irmãos mais velhos. Todos somos Terráqueos (filhos de Gaia), o grande problema é que o filho caçula,

com muita estupidez, está bagunçando a Casa Terra que pertence também a bilhões de outros seres vivos (CAPRA, 2006).

As metodologias científicas rígidas, fechadas para diversidade de técnicas e caminhos para interpretação dos objetos de estudos, não dão conta de desvendar a realidade concreta que é complexa, cheia de ligações e desdobramentos. Edgar Morin analisa esse dilema:

A educação hegemônica atual se encontra dentro de um grande paradoxo. Seus conteúdos cartesianos repetidos há séculos, mecanicamente se deparam com a problemática atual cada vez mais compreendida integralmente. Os problemas socioambientais desse modelo civilizatório, este tão defendido pelas instituições de ensino durante milênio, casou um desequilíbrio global que não pode ser analisado por essa visão encurtada (MORIN, 2001, p.17).

A busca por interpretar os fatos na contemporaneidade com maior precisão e profundidade tem levado muitos pesquisadores a resgatar a visão holística de nossos ancestrais originários, tão bem ensinada e vivenciada na escola-aldeia (BRANDÃO, 1981) e na escola-quilombo (CONCEIÇÃO, 2012). A educação do campo ressurge no Brasil com muita força pelas mãos calejadas dos movimentos sociais camponeses que reivindicam uma produção de conhecimento contextualizada do/no campo, que acolha em suas metodologias as histórias, culturas e interpretações do Mundo dos povos que historicamente foram subalternizados. “A Educação do Campo é essencialmente transversal, não podendo continuar amarrada a uma forma de interpretar o mundo que nos exclui como sujeitos desse mundo” (MOLINA e JESUS, 2004, p.109).

É neste contexto que surge a pesquisa militante, a pesquisa engajada, a pesquisa participante e a pesquisa-ação “que ressaltam a multidimensionalidade dos processos, causalidade circular, a incerteza, a mudança, os processos globais, integradores e não-lineares” (MORAES E TORRE, 2006, p.162).

Para Svampa, esses modelos de pesquisas críticas começam a ganhar mais espaço nos últimos 15 anos, influenciados pela ascensão em praticamente toda América Latina de Governos Populares de Esquerdas e Centro-Esquerda. (SVAMPA, 2010, p. 4 apud BRINGEL e VARELLA, p.12, 2016). É dentro desse contexto político que essas pesquisas fazem a escolha política clara pelos oprimidos desse mundo (FREIRE, 2006). Elas têm como base epistemológica o Materialismo Histórico Dialético. São modelos de pesquisas que surgem nas trincheiras de luta dos movimentos sociais libertários como a finalidade também de criticar “às formas tradicionais de pesquisas, onde predominava a neutralidade e a objetividade, como

também o distanciamento do sujeito com o objeto” (SANTOS, COSTA E TREVISAN, 2004, p.3).

A produção de conhecimento, de acordo com o Materialismo Histórico Dialético, apenas é possível a partir da prática social, da experiência sentida na pele, da materialidade da vida. A vivência prática militante voltada para transformação da realidade estudada possui aqui centralidade na produção do saber (BRINGEL e VARELLA, 2016). Aqui se encontra a práxis, categoria basilar no marxismo, que é a integração dialética espiralada entre prática e teoria, onde, a cada momento dentro de uma caminhada revolucionária, uma vai suplementando a outra e ambas agora de forma inseparável vão ganhando patamares evolutivos mais complexos.

As metodologias dessas pesquisas críticas adotam a transversalidade como estratégia para compreender criticamente o objeto de estudo. Esse processo metodológico, diferentemente do método científico mecanicista, vê na diversidade metodológica e nas múltiplas técnicas de investigação, processos complementares indispensáveis para se concretizar os objetivos dos projetos de pesquisa. A investigação estabelece uma dialogicidade orquestrada entre as diversas metodologias, sem perder de vista também o rigor científico necessário e a não sobreposição de métodos.

A pesquisa militante crítica foi adotada neste projeto pela complexidade do tema abordado, pela relação histórica do pesquisador com o objeto de estudo, pela determinação de mudar radicalmente a realidade estudada e de olhar os fatos com profundidade. A pesquisa militante é um “espaço amplo de produção de conhecimento orientado para a ação transformadora, que articula ativamente pesquisadores e movimentos sociais” (BRINGEL e VARELLA, 2016, p.2).

Dizia o velho chinês Mao Tsetung: “se alguém quer de fato ter conhecimento deve participar pessoalmente da luta prática voltada para transformar a realidade, pois é o único meio de entrar em contato com as aparências e descobrir a essência das coisas” (MAO TSETUNG, 1975 apud BRINGEL e VARELLA, 2016, p.12), ao contrário, terá apenas uma visão distorcida e limitada da vida.

A dicotomia entre a pesquisa quantitativa e qualitativa será desfeita, a abordagem será qualitativa-quantitativa. O tema exige a análise e interpretação dos fatos ao mesmo tempo que exige quantificá-los para uma maior compreensão das dimensões das múltiplas problemáticas provocadas pela pecuária, propositalmente ocultada pela ditadura da informação imposta pela

grande mídia financiada pelos setores pecuaristas (vide a operação da “Carne Fraca” da Polícia Federal e a delação do presidente da Friboi).

Outro fator importante da pesquisa militante é a abertura constante para mudanças, para corrigir erros e acolher sugestões. Daí que a metodologia deve ser sempre dinâmica e deve se modificar em função dos grupos sociais, do pesquisador e das condições políticas locais, estando sempre conectada a projetos de transformação social (BRINGEL e VARELLA, 2016, p.12).

A construção de um planejamento será o primeiro passo metodológico do projeto de pesquisa. Didaticamente a pesquisa será organizada em dois subeixos temáticos (ambiental e social) interligados. Cada informação relevante levantada durante a caminhada será sistematizada dentro de cada eixo, que será organizado por temas geradores.

A pesquisa bibliográfica selecionada foi fundamental para o levantamento de conteúdos significativos sobre a temática. Existem vários livros, cartilhas e documentários, artigos, monografias e dissertações produzidos por ativistas, intelectuais orgânicos, instituições sociais e por organizações internacionais que tratam do tema, todo este material será parte estruturante da pesquisa.

A pesquisa documental foi outra prática importante, sobretudo para contextualizar a investigação. Foram feitas visitas aos espaços físicos e virtuais de instituições governamentais e não governamentais que trabalham direta ou indiretamente com o setor agropecuário, para o estudo e análise de documentos sobre o tema.

Outra forma para a coleta de informação trabalhada pelo projeto foi a pesquisa de campo, através de visitas às propriedades rurais, escolas do campo, abatedouro, feiras, associações, residência e locais de trabalho das pessoas que foram entrevistadas, dentre outros. Nestas visitas foram feitas o registro fotográfico e audiovisual, entrevistas com roteiro semiestruturado, anotações em um caderno-diário e observações com questionário. Foi utilizado, também, um termo de consentimento livre para a exposição dos dados coletados.

Todos os envolvidos no projeto de pesquisa são convidados a assumir uma posição de co-pesquisadores comprometidos com a transformação da realidade estudada. O pesquisador proponente buscou promover e participar de atividades educacionais (projetos de extensão, grupos de pesquisa, seminários, encontros e outros) para tecer uma construção coletiva do Produto de Conclusão Final de Curso (PCFC) entre todos os “caminheiros” dessa jornada educativa.



O projeto estabeleceu uma ponte para troca de saberes entre o Curso de Mestrado de Educação do Campo do CFP/UFRB, a Universidade Popular Ecológica UNIRAAM (Universidade da Reconstrução Ancestral Amorosa) e com o campo de pesquisa, para alicerçar ainda mais o projeto. Ressaltando que o proponente desse projeto de pesquisa atua como Técnico em Assuntos Educacionais na UFRB e como educador-popular na UNIRAAM há mais de 13 anos, além de ser morrense (natural de Morro do Chapéu-BA).

O projeto tem o compromisso de fazer com que o produto final seja difundido ao máximo, como forma de compartilhar as informações produzidas para diversos públicos, principalmente para a população do campo. Buscaremos através de editais de publicação de livros, instituições fomentadoras, movimentos sociais ligados a causa agroecológica e animal, além da própria UFRB a publicação e difusão do material.

Esse trabalho buscou contribuições dos outros tipos de pesquisas críticas. Da pesquisa engajada, que é aquela que toma para si a problemática estudada, onde sujeito e objeto se envolvem politicamente; da pesquisa-ação-transdisciplinar uma vez que esse modelo de pesquisa adota uma metodologia que agrega de forma organizada diversas técnicas de investigação e abordagens, permitindo perceber o objeto de forma mais integral, ao tempo que permite ao pesquisador e aos pesquisados, realizarem em conjunto uma transformação na realidade estudada (PALAVIZINI, 2012). E também da pesquisa participante, pois é um tipo de “pesquisa em que o pesquisador é agente e paciente, pesquisador e pesquisado” (SANTOS, COSTA E TREVISAN, 2004, p.3).

O engajamento militante com os problemas da pecuária surge a partir de 2004 quando começo a participar da universidade popular UNIRAAM. Nesta instituição começo a me deparar, através de leituras de livros, cine debates, rodas de conversas, vivências, observação empírica, palestras e cursos, com a complexidade que está por detrás dessa atividade produtiva. As principais informações colhidas nesses materiais vêm sendo organizadas através de um amplo fichamento subdividido didaticamente em cinco tópicos: ambientais, socioeconômicos, nutricionais, fisiológicos, patológicos e ético-espiritual. Essa pesquisa bibliográfica foi sistematizada em um slide (permanentemente suscetível a renovações) que já circulou dezenas de espaços educativos formais e não-formais da zona urbana e rural de diversos municípios baianos, realizando um debate crítico com a finalidade de superar esse modelo produtivo.

Em 2010 começo a trabalhar no Colégio Estadual Jubilino Cunegundes - CEJUC, na sede do município. Lecionei no Jubilino as disciplinas Desenvolvimento Sustentável e Agroecologia no curso Técnico em Agroecologia. Também atuei como Articulador do Curso. Esse Colégio recebe estudantes de diversas comunidades rurais.

No CEJUC idealizei e coordenei o 1º Concurso de Seminários Temáticos Veias Abertas de Morro do Chapéu-BA, um dos maiores e mais significativos projetos educacionais da história da cidade, segundo vários comentários de ambientalistas e professores do município. Levantamos 18 temas (Educação, Saúde, Animais e Plantas em Extinção, Pecuária, Agricultura, Cultura, Recursos Hídricos, Comunidades Quilombolas, Violência, Droga, Agricultura, Esporte, Poder Executivo, Sexualidade, Poder Legislativo, Urbanização, Turismo, Servidores Públicos e Trabalho Infantil) sobre o município e sorteamos um para cada turma. A tarefa era pesquisar, de forma crítica, a problemática e propor sugestões para solucionar cada tema. Como forma de estabelecer uma aproximação com a comunidade externa e orientar a pesquisa, cada equipe convidou uma pessoa para palestrar sobre cada temática nas suas respectivas salas. Cada turma ficou com um professor para orientar os trabalhos.

O resultado da pesquisa foi apresentado em uma série de entrevistas na rádio comunitária Diamantina FM, na forma de artigo-reportagem de duas laudas postado no site Morro Notícias e em forma de seminário apresentado em um grande evento no Teatro da Sociedade Filarmônica Minerva. O site organizou uma enquete para os internautas escolherem o melhor artigo, o mais bem votado ganhou uma premiação. O evento para apresentar os seminários lotou o Teatro, que contou também com apresentações culturais. O público ficou impressionado com a qualidade das apresentações. E todo mundo surpreso com tanto conteúdo significativo que historicamente ficou marginalizado e escondido pelo currículo oficial. As três melhores equipes, escolhidas por uma banca de cinco jurados, composta por pessoas conhecedoras das questões locais, ganharam premiação.

O projeto teve a proposta de trabalhar de forma lúdica conteúdos valorativos sugeridos pelos próprios estudantes sobre a realidade e o contexto local. O currículo oculto trazido pelos estudantes e por todo o entorno da escola sempre foi marginalizado pelos currículos oficiais, tornando a escola um espaço sem significância para a vida dos educandos, um local estranho e alheio à sua realidade concreta. A iniciativa teve a finalidade de despertar a curiosidade crítica e o gosto por estudar na classe estudantil.

Foi um projeto inspirado no livro “Veias Abertas da América Latina” de Eduardo Galeano, que trabalhou a pedagogia de projetos com transdisciplinaridade, buscando integrar todo o corpo docente e as áreas do conhecimento de forma crítica e contextualizada. Levamos os estudantes a fazerem uma coisa extremamente importante, segundo Pedro Demo (1997), que é pouco ou quase nunca trabalhada na educação, que é produzir conhecimento, pesquisar. Outro papel importante foi levar os estudantes a trabalharem com diversas Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs.

Os professores orientadores foram sorteados para escolher sua turma, fiquei para orientar a equipe do 2º ano de Agroecologia, com o tema Pecuária. Que por sinal foi a equipe vencedora do concurso. A comunidade que acompanhou o projeto ficou surpresa com os dados levantados pela turma sobre os impactos socioambientais da pecuária no município.

Passos percorridos pela equipe:

1. Planejamento coletivo do caminho metodológico da pesquisa;
2. Realização de palestras por pessoas da comunidade para problematizar o tema e orientar os estudantes das fontes disponíveis de pesquisa;
3. Estudo bibliográfico para levantar os problemas ambientais e sociais gerados pela pecuária;
4. Subdivisão de grupos de pesquisa de campo para levantamento de informações e dados sobre o objeto de estudo;
5. Foi debatido em sala de aula quais seriam os instrumentos, estratégias e as fontes mais adequadas para cada problema levantado até aqui;
6. Os estudantes realizaram entrevistas semiestruturadas com profissionais ligados à área, fizeram visitas a propriedades para observação e levantamento de dados, pesquisa documental nos órgãos locais relacionados à pecuária, pesquisa bibliográfica na biblioteca municipal, vários registros fotográficos e em áudio;
7. Depois dessa fase de coleta, foi constatado o surgimento de novas problemáticas não levantadas previamente na ida à campo. Outra coisa foi a carência de dados nos órgãos ligados ao poder público municipal. Os dados e informações foram compartilhados em uma roda de debate por cada grupo para toda turma;
8. Depois de compartilhar e analisar o material pesquisado, passou-se para o processo de sistematização em forma de um artigo reportagem e em um slide para apresentar para o projeto Veias Abertas;

9. Foram selecionadas na turma duas representantes para apresentar no evento o slide. A dupla acabou ganhando o concurso;
10. Durante o projeto, a turma também realizou oficinas de agroecologia e culinária natural para perceberem concretamente que realmente é possível produzir alimentos e comer de forma saudável tanto para o indivíduo como para todo o planeta.

O projeto Veias Abertas deu conta também de uma coisa importante na educação, a autoformação, que é um processo de aprendizagem que ocorre notadamente graças a um esforço espontâneo e autônomo do discente, e no qual o professor exerce apenas uma função de guia amigável (GRAMSCI, 1982, p.124). Esse processo descrito por Gramsci foi intensamente vivenciado durante a execução do mesmo.

Ficou como objetivo a produção de uma cartilha no final do Veias Abertas que desse conta de sistematizar e compartilhar para outras pessoas e futuras gerações a produção de conhecimento gerado. Infelizmente naquele momento não foi possível concretizar esse último objetivo.

Como projeto de pesquisa do Mestrado Profissional em Educação do Campo da UFRB, a temática ganhou profundidade e amplitude. Os debates, os materiais e as orientações nas disciplinas cursadas e os diversos encontros com o Orientador foram preponderantes para esse aprofundamento.

Foi montado um grupo de pesquisa para atualizar e ampliar a pesquisa realizada pelos estudantes de agroecologia do CEJUC. É membro desse grupo um dos estudantes daquela época que hoje é educador do campo e agricultor familiar agroecológico.

O grupo realizou rodas de conversas para tratarem minuciosamente do projeto de pesquisa, do objeto de estudo e do produto de conclusão do curso. Depois dessa rodada de conversas, de diversas sugestões de colegas e do orientador, ficou delineado que o produto seria um material didático, neste caso um Bingo Educativo que tem a finalidade de sistematizar e compartilhar para os diversos espaços formativos, principalmente para os do campo, os conhecimentos produzidos por essa pesquisa. O projeto passou a se chamar “Bingo Temático: Problemas Socioambientais da Pecuária de Morro do Chapéu”.

O Bingo Temático é uma proposta didática desenvolvida pelo proponente deste projeto, já testada com outros temas em diversos locais. Consiste em transformar a numeração presente nas tabelas do Bingo Tradicional em Informações (nomes, operações matemáticas,

imagens etc.) ligadas ao conteúdo abordado. Cada informação é ligada a uma numeração correspondente às bolas contidas no globo do bingo. Paralelamente é construída uma apresentação em slides, contendo todas as informações em ordem numérica, e, na medida em que é sorteado um número, o slide com a mesma numeração é projetado e comentado. Também é organizada uma tabela de conferência, contendo todas as informações com seus respectivos números. Assim como no bingo tradicional, quem fechar primeiro a cartela ganha uma premiação, neste caso, simbólica. É uma forma lúdica de debater diversos conteúdos.

Serão selecionados nesta atual proposta 30 temas geradores sobre os problemas ambientais e sociais da pecuária no município de Morro do Chapéu. Cada tema terá um texto de suporte para a apresentação do bingo, contendo as informações mais relevantes, fazendo sempre que possível um diálogo dialético entre a tríade: local, regional e global. Porque o que ocorre no município tem consequências no país e no mundo, e o que ocorre no mundo tem forte influência no país e no município. Cada tema terá dados e informações dessas três esferas territoriais.

Esse material proposto terá três materiais didáticos em um. O geral é o Bingo Temático, além dele uma cartilha e um slide. A cartilha terá um texto e uma imagem de uma lauda para cada tema que servirá como material de apoio e estudo para que outros atores possam replicar plenamente esse produto. Os textos abordarão objetivamente os 30 temas, priorizando os dados quantitativos e também os qualitativos mais relevantes. As imagens foram desenhadas por um artista local, Charles de Carvalho dos Santos, um conceituado artista plástico. As imagens trazem desenhos simbólicos, tabelas, gráficos, dados numéricos, quadros e informações presentes nos textos. As imagens funcionam com resumo e suporte para que a apresentação do Bingo possa ser realizada de forma dinâmica.

Praticamente todo o caminho metodológico realizado pelos estudantes do CEJUC no trabalho de campo foi refeito, aumentando a dosagem de cada prática adotada naquele momento. O grupo atual conseguiu levantar outras questões através da leitura de livros antigos sobre a região, trabalhos acadêmicos sobre o município e a pecuária. Também as entrevistas e a visita a novas propriedades foram extremamente relevantes.

Ao longo de toda caminhada da pesquisa militante durante o mestrado foram realizadas diversas ações:

- Um projeto de pesquisa;
- Um grupo de pesquisa;

- Cinco encontros com o Orientador;
- Sete entrevistas;
- Visitas a 4 propriedades, sendo: uma de agroecologia familiar, uma de agricultura orgânica patronal, uma de pecuária familiar e a última de pecuária patronal;
- Várias rodas de conversas e de leituras;
- Pesquisa nas seguintes órgãos e entidades: Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (ADAB), Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Secretaria Municipal de Agricultura, Secretaria de Educação, INEP/MEC, Empresa Baiana de Águas e Saneamento S.A. (EMBASA), Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (INEMA), Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (CPRM), Grupo Ambientalista Morrense (GAM), Associação de Condutores e Visitantes (ACV), Centro Meteorológico, Sindicato dos Agricultores Familiares, Correio do Sertão, Colégio Estadual Jubelino Cunegundes (CEJUC) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essa última através do banco SIDRA, contida no seu próprio site oficial, forneceu muitos dados relevantes;
- Quatro palestras;
- Um projeto de extensão;
- Quatro cursos;
- Participação em quatro feiras da Agricultura Familiar;
- Um teatro de rua;
- Vários cine-debates;
- Muita leitura de livros, textos, artigos e materiais acadêmicos;
- Várias pesquisas na internet;
- Várias fotografias;
- Quatro oficinas;
- Um projeto de economia solidária agroecológico “Cantina Natural Boi Vivo”
- Por fim a elaboração do Produto Final (Bingo Temático).

O Bingo Temático é um material didático que possibilita trabalhar de forma lúdica e brincante diversos conteúdos. Esse Bingo especificamente é mais apropriado para estudantes a partir do ensino fundamental II e para os mais variados espaços educativos não-formais que

têm jovens e adultos. Com uma certa transposição didática ele pode ser também aplicado para o 4º e 5º ano do ensino fundamental I.

A escola tradicional de forma geral é um espaço sem criticidade, descontextualizado. A escola deve ser “criadora” (GRAMSCI, 1982, p.124). Essa ferramenta busca resgatar a produção de conhecimento com sabor, contextualizada e emancipatória defendida pelos movimentos sociais camponeses dentro do Projeto Nacional de Educação do Campo.

Os projetos de extensão e atividades vinculadas ao Núcleo de Pesquisa e Extensão Laboratório Vivo de Agroecologia e Organização do Trabalho Pedagógico nas Escolas do Campo da UFRB, dentre eles o Projeto de Extensão Bingo Temático: Retrospectiva Sociopolítica 2016, que tratou do atual Golpe de Estado que estamos enfrentando foram valiosos para aperfeiçoamento dessa proposta de material didático.

Também é bom deixar registrado o rico momento no Tirocínio realizado no Curso de Graduação em Licenciatura (plena) em Educação do Campo - Ciências Agrárias – ênfase na Agroecologia e na Cooperação (Centro de Formação de Professores/CFP/UFRB - Campus Amargosa) nas turmas do 1º semestre (2017.1), com a Professora Gilsélia Freitas no componente Concepções e Princípios em Educação do Campo. Nesse espaço convivi com companheiras e companheiros vindos das mais variadas trajetórias de lutas do campo, aprendi muito com suas experiências de vida. Apresentei o slide sobre a pecuária e apliquei o Bingo Temático: Retrospectiva Sociopolítica 2016 na turma, que gerou um rico debate, servindo muito para reajustes na pesquisa e na elaboração do Bingo da Pecuária.

Além de tudo que foi relatado, essa ferramenta didática foi construída dentro do princípio trabalhado na Educação Popular de diversos povos tradicionais e na Agroecologia, que é a superação da competitividade exacerbada. Segundo Adorno, é nas diversas competitividades estimuladas dentro dos muros da escola, desde a mais remota infância ,que vai surgir o alicerce do sistema capitalista com um mercado altamente competitivo, excludente e uma sociedade individualista ao extremo (ADORNO, 2003).

Outro ponto importante que diz respeito ao projeto, é o levantamento amplo dos aspectos socioambientais de Morro do Chapéu, contribuindo para o preenchimento de uma lacuna profunda presente nas escolas e na comunidade em geral no que se refere à falta de materiais de estudo sobre a localidade. O presente objeto de estudo se conecta a todos os outros temas trabalhados no projeto Veias Abertas. O material elaborado também dará uma boa pincelada nas diversas outras áreas da vida social e ambiental do município. Assim ele

também acaba cumprindo o objetivo não realizado naquela época de elaborar uma cartilha sobre a Morro do Chapéu do Veias Abertas.

Esta pesquisa militante trabalhou em todas as suas fases de forma unificada o tripé acadêmico pesquisa-ensino-extensão. Porque na verdade em um processo crítico de educação é inconcebível um sem o outro. Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, descreve muito bem essa indissociabilidade entre as três:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2006, p.32).

A pesquisa na educação tem a ver sobretudo com a autonomia do fazer pedagógico. É fazer com que os estudantes e professores sejam sujeitos ativos em suas autoformações e não meros receptores e reprodutores dos currículos burgueses, construídos pelos grandes Organismos Internacionais e bancados pelo grande Capital, vindos prontos e fechados de forma autoritária de cima para baixo. A pesquisa nessa perspectiva remete “não somente a debates e modismos universitários, mas também (e principalmente) as problemáticas socialmente e politicamente relevantes” (BRINGEL e VARELLA, 2016, p.13). Se os temas abordados nas pesquisas não tratarem de um conteúdo valorativo para comunidade estudada e para toda sociedade, ela apenas vai preencher os “cemitérios da cultura” (GRAMSCI, 1982, p.125), sendo letra morta nas prateleiras da academia.

A falta de extensão leva, como diz Gramsci, a academia a ser ridicularizada frequentemente e com razão, por conta “da separação existente entre a alta cultura e a vida, entre os intelectuais e o povo” (GRAMSCI, 1982, p.125).

A extensão é o componente responsável por reconstruir o elo da escola com a sociedade. A extensão contribui para a construção de sapiências (união da sabedoria com a ciência), através da integração dos conhecimentos científicos compartilhados pela escola e dos saberes populares pela comunidade. O processo de ensino-aprendizado da sapiência (união da ciência e da sabedoria popular) (ALVES, 1999) é fundamental para o surgimento de sujeitos críticos comprometidos em transformar suas realidades em algo integralmente melhor.

O trabalho está dividido em duas partes: referencial teórico e dados socioeducacionais e ambientais de Morro do Chapéu, além desta introdução.



Na introdução apresentamos reflexões sobre a escolha e construção do objetivo geral, dos objetivos específicos, a justificativa, a minha relação com o tema, as questões norteadoras, bem como a metodologia da pesquisa, o produto final, as temáticas, as estratégias de coleta de dados, o processo de ensino-aprendizagem, materiais e equipamentos necessários, equipe responsável, público alvo e resultados esperados.

Na parte um, desenvolvemos uma discussão referendada em fontes bibliográficas, acerca das questões que envolvem capitalismo, questões ambientais e educação. Para êxito nesta etapa do trabalho dialogamos com as produções de: Marx, Gramsci, Meszáros, Mançano, Boff, Capra, Bauman, Castel, Santos, dentre outros.

Na parte dois, discutimos o território de Morro do Chapéu apresentando dados históricos, políticos, socioeducacionais e ambientais. Dialogando com fontes bibliográficas tais como: Lobão, Cunegundes e Dantas. Bem como dados obtidos de órgãos públicos federais, estaduais e do município.

### **3 - REFERENCIAL TEÓRICO**

O tema abordado por este trabalho carrega uma grande complexidade, primeiro pelo raio de problemas que se desdobra de ponta a ponta no Globo Terrestre e segundo como toda essa realidade de dano ao planeta se mantém oculta para a maioria da população. A presente fundamentação teórica buscou selecionar importantes intelectuais orgânicos e teorias que não apenas dessem conta de debater o tema, mas sobretudo de compreender criticamente a realidade estudada, propondo uma reversão radical na lógica devastadora da pecuária.

Os principais teóricos utilizados foram: Karl Marx, István Mészáros, Antonio Gramsci, Bernardo Mançano Fernandes e Jorge de Souza Conceição. De Marx foi aproveitada toda uma gama de estudos e principalmente em diálogo com as reflexões do texto “Acumulação Primitiva”, que dá conta de mostrar como se deu a disseminação da pecuária na Inglaterra no final da era moderna e início da contemporaneidade, modelo copiado por todo continente Europeu e imposto nas colônias europeias das Terras do Além-Mar. O filósofo húngaro István Mészáros contribuiu para debatermos um modelo educacional que possa ser a ponte para levar a humanidade para “Além do Capital”. O marxista italiano Antonio Gramsci traz para esse trabalho a crítica ao modelo societário hegemônico burguês, e em contraposição trata da categoria contra-hegemonia. De Mançano o debate sobre as questões agrárias do país,

dando destaque especial à tríade Desterritorialização-Territorialização-Reterritorialização e também suas reflexões sobre agroecologia. Uma das grandes contribuições para fundamentação teórica desse trabalho vem também dos inúmeros livros e textos escritos pelo Coordenador Geral da Universidade da Reconstrução Ancestral e Amorosa (UNIRAAM), professor Jorge Conceição, que debate a Agroecologia Visceral, que vem a ser o corpo como espaço agroecológico. A UNIRAAM tem vários trabalhos produzidos dentro dessa temática e em outras áreas correlatas, tais como medicina natural, cultura afroindígena e educação popular.

A educação dos nossos ancestrais era vivenciada intensamente em todas as práticas, nas quais os mais velhos ensinavam aos mais novos aprendizados inéditos<sup>4</sup>. Nesse contexto, a função de educar era exercida por cada membro da escola-aldeia. Cada espaço, cada corpo era local da dialogicidade que dialeticamente era ensino-aprendizagem. Todos eram simultaneamente educando-educador. Os indivíduos nas comunidades ditas primitivas eram educados para a vida.

O conhecimento era solidariamente compartilhado através da oralidade, dos instrumentos e registros deixados pelos antepassados. Os sujeitos aprendiam todas as tecnologias e saberes presentes em cada comunidade. O conhecimento não era instrumento de domínio, mas sim de emancipação coletiva. O mundo contemporâneo tem uma necessidade vital de resgatar os saberes da Pedagogia da Terra dos povos tradicionais para construção de uma sociedade sustentável (GADOTTI, 2009).

É importante fazer uma análise marxista da história para perceber que a mudança no modelo de produção impulsiona, em cada período, transformações que vão para além do econômico, pois atingem todos os outros setores da sociedade (MARX; ENGELS, 1999).

Com o surgimento do sistema escravista, a sociedade passa a ser dividida entre as castas dos exploradores e dos explorados. Daí por diante todo processo de solidariedade e comunhão presente nas sociedades primitivas vai paulatinamente dando lugar crescentemente à acumulação primitiva do capital e à centralização e acúmulo de poder nas mãos de uma classe; no capitalismo o dinheiro em estado puro vira um verdadeiro Deus (SANTOS, 2006).

A Escola foi criada pelos escravocratas para cumprir a função dualista imposta pelos senhores, de um lado a formação dos futuros dominadores e de outro dos futuros dominados. Esse dualismo na escola também é sinalizado por Gramsci: “escola profissional destinava-se

---

<sup>4</sup> Para maior compreensão da educação de nossos antepassados ver os filmes: “A Guerra do Fogo” e “A Missão”.

às classes instrumentais, ao passo que a clássica destinava-se às classes dominantes e aos intelectuais” (GRAMSCI, 1982, p.118).

O dualismo da escola foi exercido com mais eficácia pelos europeus que pretendiam impor o seu modelo capitalista ao mundo. A instituição educacional que foi criada nos primeiros momentos da escravidão do modo de produção antigo tratou exclusivamente de educar os membros da elite social e econômica, negligenciando o direito à escolarização dos grupos desfavorecidos, bem como os valores que nutriam as identidades étnico-culturais e os espíritos emancipados dos povos escravizados. Esse processo estratégico de silenciar os oprimidos para tentar aniquilar qualquer raiz de resistência foi descrito por Miguel Arroyo (2012, p. 561) ao afirmar que “[...] não apenas as experiências da opressão-libertação estão ausentes dos currículos, mas, sobretudo, os seus sujeitos”.

Na transição feudal-capitalista, esse processo reforça-se, pois, a cultura e os saberes destes povos foram suprimidos por uma brutal aculturação, imposta pelos colonizadores com o apoio da Igreja Católica. Esse processo marcou profundamente o modo de pensar destes territórios na atualidade, o ensino regular tem um monopólio dos pensamentos desenvolvidos na Europa. Essa aculturação impôs um modelo de sociedade baseada na competição, no individualismo, na exploração do homem pelo homem e deste com a natureza, no machismo, no racismo, no urbanocentrismo e nas mais variadas formas de preconceitos provenientes da lógica capitalista do velho continente.

Sem dúvida “um dos graves desafios que a escola brasileira enfrenta é o fato de, numa sociedade pluricultural, termos, desde sempre, uma escola monocultural e etnocêntrica.” (GARCIA, 2008, p. 18). A diversidade presente no “chão da escola” é raramente contemplada pelos currículos. “É por isso que é necessário a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente” (MESZÁROS, 2008, p.27). Educar para um mundo socialmente igualitário, culturalmente diversificado e ambientalmente sustentável exige tratar com prioridade todas as mais variadas formas de diversidades que brotam no “solo” escolar.

A premissa de que a “[...] história do campo brasileiro é a história da luta contra o cativo e contra o latifúndio” (FERNANDES, 2002, p. 65), sintetiza muito bem o contexto histórico que perpassa a vida dos diversos povos do campo. Essa parcela do povo brasileiro, responsável dentre outras coisas por alimentar toda a nação, amarga desde a chegada da primeira caravela um profundo processo de barbárie imposto pelo capitalismo através

primeiro das Capitâneas Hereditárias, Sesmarias, latifúndio monocultor e mais contemporaneamente do agronegócio e de seus diversos outros empreendimentos.

Os campestinos durante essa jornada organizaram diversificadas formas de resistências e enfrentamentos contra a opressão imposta pela Casa Grande, pelo latifúndio e pelos proprietários de empresas do agronegócio. Um grande exemplo de luta foi a constituição das milhares de comunidades quilombolas, nas quais os afrodescendentes e outros oprimidos “se rebelavam ante a sua situação de escravizados e fugiam das fazendas e de outras unidades de produção, refugiando-se em florestas e regiões de difícil acesso, nas quais reconstituíam seu modo de viver em liberdade” (FERREIRA, 2012, p. 645).

A Burguesia, através de seus aparelhos ideológicos e repressores, transformou as diversidades culturais e estéticas em profundas desigualdades socioeconômicas, segregando os inferiorizados dos direitos básicos de subsistência e do conhecimento universal e desvalorização do conhecimento autóctone. Essa produção tinha o interesse claro de justificar o regime vigente de exploração. (ARROYO, 2012).

\*\*\*

Neste contexto atual de Golpe em 2016 e enfraquecimento da ordem democrática, no qual a elite brasileira busca aniquilar todas as conquistas sociais adquiridas com muita luta pelos movimentos sociais nos últimos governos democráticos populares, se faz necessário engrossar as trincheiras de luta. E a Educação do Campo tem um papel central neste contexto por se tratar de uma proposta pedagógica contra-hegemônica<sup>5</sup> e também por entender que os povos do campo serão os principais atingidos com essa agenda de retrocesso. Esse trabalho contribuirá para fortalecer essa construção na medida que resgata uma proposta de educação emancipatória<sup>6</sup>.

A sociedade contemporânea acumula problemas sociais produzidos durante séculos pelo sistema econômico baseado no consumo e na exploração. A crise social toma conta de todos os setores e ambientes.

O capitalismo é um verdadeiro alquimista, tudo que pega transforma em refúgio, da natureza às pessoas. Marx dizia que o capitalismo é seu próprio coveiro, mas esse sistema da

---

<sup>5</sup> Pedagogia Contra-Hegemônica não é apenas as que não “conseguiram tornar-se dominantes, mas que buscam intencional e sistematicamente colocar a educação a serviço das forças que lutam para transformar a ordem vigente visando a instaurar uma nova forma de sociedade” (SAVIANE, 2008, p.170 apud FARIA, 2012, p.6)

<sup>6</sup> “Numa perspectiva emancipatória a educação é entendida como problematização da realidade visando à sua transformação”. (GADOTTI, 2012)

barbárie é covreiro não apenas do sistema econômico, ele está cavando os sete palmos de chão que pode levar toda humanidade junta (ADORNO, 2002).

A educação oficial está fracassada em todos os sentidos, porque “pariu” uma sociedade antiecológica, marcada pela grande crise socioambiental do século XXI, o Aquecimento Global, que está colocando a própria causadora desse fenômeno, a espécie humana, em risco de extinção. “A lógica que explora as classes e submete os povos aos interesses de uns poucos países ricos e poderosos, é a mesma que depreda a Terra e espolia suas riquezas, sem solidariedade para com o restante da humanidade e para com as gerações futuras” (BOFF, 1995, p.11). Leonardo Boff descreve que os efeitos sintomáticos tanto sociais como ambientais estão conectados e têm o mesmo agente causador.

Até a Europa, berço do capitalismo moderno, vem enfrentando crises sociais sem precedentes. No velho mundo o desemprego, o consumo de drogas, a violência, a corrupção e a estagnação econômica ganham cada vez mais espaços nas manchetes dos jornais, revistas e programas televisivos (BAUMAN, 1999, 2001 e 2003).

O Brasil importou os modelos econômicos desenvolvidos pelas potências países centrais do capitalismo durante toda sua história. Por aqui também enfrentamos as mazelas proporcionadas por esse modelo. O maciço êxodo rural ocorrido principalmente nas décadas de 60 e 70 no século passado com o advento da revolução verde associado a uma total falta de planejamento urbano das grandes cidades levou ao que os especialistas chamam de crise urbana (GALEANO, 1979).

As metrópoles brasileiras estão abarrotadas de favelas, alto índice de desemprego, a juventude cada vez mais procurando o mundo da droga e da criminalidade, engarrafamentos recordes, problemas de enchentes e tantos outros. O campo de batalha sem causa que ganha às ruas das metrópoles ocupa hoje a maior parte dos noticiários da imprensa, levando no Brasil a morrer mais pessoas vítimas da violência do que qualquer outro país no mundo com guerra declarada, aqui vivemos a famosa guerra branca que vitimiza milhares de inocentes, em sua grande maioria na zona urbana de negros e na zona rural de índios (SOUZA, 2009).

Em seu livro *Ecologia: Grito da Terra e Grito dos Pobres*, Leonardo Boff (1995, p.173) sintetiza o fruto produzido artificialmente pelo sistema capitalista ao longo do seu percurso:

Os astronautas nos habituaram a ver a Terra como uma nave espacial azul e branca que flutua no espaço sideral, carregando o destino comum de todos os seres. Ocorre que nesta nave-Terra um quinto da população viaja na parte reservada aos passageiros. Estes consomem 80% das reservas disponíveis para a viagem. Os

outros 4/5 viajam no compartimento de carga. Passam, frio, fome e toda ordem de privações.

\*\*\*

Literalmente nossa sociedade está doente, a AIDS, a depressão, a diabetes, a obesidade, o câncer, problemas mentais, dificuldade de aprendizado e tantas outras doenças afetam a vida de bilhões de pessoas que vivem alienadamente atoladas nesta sociedade artificial do consumo. Nossa alimentação natural ofertada pela natureza hoje virou um amontoado de coisas que o consumidor não tem a mínima consciência dos elementos que constituem aquele alimento, se é que pode assim ser chamado. A alimentação artificial consumida pela maioria das pessoas está altamente contaminada, o documentário “O Veneno está na Mesa” aponta que os brasileiros consomem mais de 5 kg de agrotóxicos anualmente. “Somos aquilo que comemos” foi mais uma sabedoria que a sociedade contemporânea perdeu e que aos poucos está tentando recuperar. E é a agroecologia familiar que “contribui com a maior parte da produção de alimentos saudáveis, consumidos principalmente pelas populações urbanas” (FERNANDES, 2012, p.744), o caminho a ser trilhado para realizarmos a necessária depuração desse grande Organismo Vivo, morada comum de todos nós (ver documentário Super Size Me: Dieta do Palhaço, 2004).

No modelo de produção neoliberal atualmente hegemônico pode-se observar um fenômeno pouco observado nas outras modalidades de produção ao longo da história. No escravismo e no feudalismo praticamente todos os indivíduos tinham seu espaço na pirâmide social, no neoliberalismo marcado, em alguns setores, pela substituição maciça da mão de obra humana pelas máquinas, surge um quantitativo considerado de pessoas que estão fora da pirâmide social, são os marginalizados (os que estão à margem), milhares de mendigos espalhados pelo mundo vivendo embaixo de viadutos e em submoradias. Essas pessoas são abandonadas pela própria sorte, sem um mínimo de políticas públicas voltadas para elas. Esse modelo econômico levou o Brasil a possuir 16 milhões de pessoas vivendo na extrema pobreza em 2002 (CASTEL, 1998).

Embora na contemporaneidade exista a hegemonia do neoliberalismo (ideologia do estado mínimo), os modelos anteriores de produção sobrevivem. No campo e na cidade são significativas as experiências comunais baseadas no modo originário, mas também da existência de formas de trabalho análogos à escravidão e servidão (na sua maioria na pecuária) e também das manufaturas da idade moderna. Todos eles, com exceção do modo

originário, voltados para produção de mais valia, lucro para os donos dos meios de produção e exploração para a mão de obra (LENCIONI, 2012).

Esse cenário de marginalização provocado pela era industrial que expulsou pela força as camponesas e os camponeses de suas propriedades é citado por Marx – “O povo do Campo, depois de violentamente expropriado, expulso de suas terras e convertido em vagabundo, foi chicoteado, marcado a fogo e torturado por leis grotescamente terroristas, tendo em vista a disciplina necessária ao sistema do trabalho assalariado” (MARX, 2015, p.57). As pessoas que conseguiram se inserir nessa rápida mudança drástica no novo estilo de vida urbano e de trabalho fabril foram transformadas em verdadeiras máquinas ambulantes produtoras de mais-valia, lançadas em uma jornada exaustiva e em um ambiente de produção desumano. As outras foram jogadas na sarjeta, sendo forçadas em alguns casos a virarem bandidos, prostitutas, traficantes e pedintes para sobreviverem, assim como o pobre rato e tantos outros animais e insetos que perdendo seus habitats naturais tiveram que se adaptar ao esgoto. O mais irônico é que os maiores responsáveis por essa segregação se incomodam com a presença e com os efeitos colaterais provocados pelos marginalizados, tendo como solução o extermínio desses indefesos.

O Capitalismo e suas classes dominantes de forma autoritária impuseram aos quatro cantos do planeta “uma certa visão de mundo, mesmo sendo totalmente inviável” (GADOTTI, 2009, p.15). Inviabilidade que tem a ver com sua essência putrefante, a relação dela com o mundo é de “expropriação e de exploração. Cria, de um lado, os exploradores e de outro os explorados, produz a fartura e a fome” (FERNANDES, 1999, p.31). É um sistema que diviniza o Deus Dinheiro, que prega o crescimento econômico ilimitado em um mundo de recursos naturais limitados.

No quesito fome, a pecuária se destaca como principal agente na promoção desse descalabro social. Enquanto bilhões de pessoas passam fome e outras milhares morrem de desnutrição, a grande parte dos grãos produzidos no planeta são destinados para produção de ração. Também permanentemente ocorre a perda da área destinada a produção de vegetais para produção de pastagens. Marx constata isto: “durante os séculos XIV e XV, havia um acre de pastagem para 2 a 4 de terra arável. (...) Até por fim, a proporção justa de 3 acres de pastagem para um de terra arável foi atingida” (MARX, 2015, p.66). A pecuária diminuiu a produção de alimentos que vai para população humana, fazendo com que o preço da comida

inflacione, diminuindo ainda mais o poder de compra desse bem vital para as classes menos favorecidas economicamente.

Os problemas sociais como fome, desemprego, êxodo rural, o alastramento de enfermidades, violência, e os problemas ambientais cada dia mais agravados como seca, tsunamis, enchentes, desertificação do solo, dizimação da biodiversidade estão cada vez mais presentes, causando dor e sofrimento à todos os seres vivos. E todos esses sintomas têm o dedo oculto da pecuária (Uma Verdade Mais que Inconveniente, 2008).

Várias são as heranças culturais e ideológicas deixadas pelo colonizador europeu ao Brasil. Na área ambiental “dos colonizadores herdamos essa ideia de que a terra, a floresta é “mato”. Devemos desmatar, civilizar e destruir a vida que está nela” (GADOTTI, 2009, p.22). Na área social a “sociedade que construímos nesses mais de “500 anos” produziu muitos seres invisíveis” (GADOTTI, 2009, p.23). Os povos camponeses reivindicam através de muita resistência sua visibilidade, para que o campo seja visto “como parte do mundo e não como aquilo que sobra além das cidades” (FERNANDES, 2002, p. 61).

Essa lógica desenvolvida pelo capitalismo europeu de lidar com os oprimidos do campo e com a natureza descrita no parágrafo anterior, também foi abordada por Marx: “a limpeza e dispersão do povo é seguida pelos proprietários como um princípio estabelecido, como uma necessidade agrícola, exatamente como as árvores e o mato são limpos das terras incultas da América ou Austrália” (MARX, 2015, p.59).

É antagônico o sentido que o camponado e o agronegócio dão à terra. “Para o camponado a terra é lugar de produção, de moradia e de construção de sua cultura, para o agronegócio a terra é somente um lugar de produção de mercadorias, do negócio” (FERNANDES, 2012, p.747).

A Agroecologia Natural é sobretudo um processo contra-hegemônico no sentido gramsciano do termo. Moraes (2010) explica o que viria a ser contra-hegemonia para Gramsci:

Gramsci (1999, p. 314-315) situa as ações contra-hegemônicas como “instrumentos para criar uma nova forma ético-política”, cujo alicerce programático é o de denunciar e tentar reverter as condições de marginalização e exclusão impostas a amplos estratos sociais pelo modo de produção capitalista. A contra-hegemonia institui o contraditório e a tensão no que até então parecia uníssono e estável. Gramsci nos faz ver que a hegemonia não é uma construção monolítica, e sim o resultado das medições de forças entre blocos de classes em dado contexto histórico. Pode ser reelaborada, revertida e modificada, em um longo processo de lutas, contestações e vitórias cumulativas (MORAES, 2010, p.73).



A Agroecologia Natural é um movimento contra-hegemônico utópico porque ao mesmo tempo que denuncia teoricamente através dos vários postulados científicos produzidos por intelectuais orgânicos que vem ocupando cada vez mais o latifúndio do conhecimento (ARROYO, 2012) que é a academia; no campo os agricultores agroecológicos resistem aos pacotes de produção agrícolas das multinacionais, anunciando cotidianamente que é possível produzir comida saudável estabelecendo relações comunistas entre seus pares e ecológicas com o ambiente natural.

O campo não pode ser lugar das pastagens e dos monocultivos de soja e de milho para alimentar o gado submetido à lógica da pecuária. “O campo é espaço e território dos camponeses e dos quilombolas. É no campo que estão as florestas, onde vivem as diversas nações indígenas. Por tudo isso, o campo é lugar de vida e sobretudo de educação...” (FERNANDES, 2002, p.63).

No século XXI, a sobrevivência da humanidade dependerá de sua alfabetização ecológica. A educação do campo que nasce umbilicalmente ligada à Mãe Natureza precisa gerar uma Educação Ecológica que ensine os princípios vitais que tecem a Teia da Vida Viva (CAPRA, 2015). É preciso mais do nunca superar o antropocêntrico e o especismo<sup>7</sup>, garantindo o direito à vida dado no processo evolutivo pelo universo a todos os seres vivos, “superando esse fosso criado por uma cultura que separou o mundo da natureza do mundo da cultura (GADOTTI, 2009, p.85).

Os movimentos sociais brasileiros conquistaram com muita luta um dos melhores regimes democráticos do Mundo de direito no “papel”. É bom deixar registrado que cada vírgula contida na legislação voltada para assegurar o direito da classe trabalhadora é fruto da conquista da própria classe trabalhadora em uma ardilosa e histórica luta de classe desigual. É neste contexto que surge a Lei Nº 9.394/96 (Lei de Diretrizes de Bases da Educação – LDB), a Lei Nº 9.795/99 que institui a Educação Ambiental e o Decreto Nº 7.352/10 que dispõe sobre a Política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária. Toda esta legislação educacional garante no papel a educação ambiental como conteúdo fundamental e obrigatório no processo de ensino-aprendizagem, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em

---

<sup>7</sup> O especismo pode ser definido como qualquer forma de discriminação praticada pelos seres humanos contra outras espécies. (SINGER, 1998, p. 25-92).

caráter formal e não-formal. Para que as palavras contidas nas leis se incorporem de fato na sociedade se faz necessário a continuidade da luta dos movimentos sociais progressistas.

Em seu livro “*Educação, Território em Disputa*” o professor Miguel Arroyo analisa o processo de marginalização sofrido pelas sabedorias populares ecológicas no currículo oficial. Ele indaga: “como incorporar essa ecologia de saberes, culturas, valores, leituras de mundo ao currículo?” (ARROYO, 2011, p.12). Arroyo revela que esta marginalização não ocorre por acaso, ela é muito bem planejada para silenciar a voz dos oprimidos, mantendo-os como objetos históricos subalternos aos interesses das elites opressoras. E a tarefa segundo o autor é ocupar “o latifúndio do conhecimento como mais uma das terras, como mais um dos territórios negados” (ARROYO, 2012, p. 361).

Os problemas provocados pela pecuária ficaram sempre à margem da margem do currículo oficial. O modelo agrícola latifundiário brasileiro é filho das Capitâneas Hereditárias, que com a força sanguinária da Espada (Império Português) legitimada pela “Fé” da Cruz (Igreja Católica) tratou de dizimar tudo que achava pela frente, agindo como uma verdadeira traça. As florestas foram transformadas em pastos adubados com as cinzas das árvores, com o sangue dos animais silvestres e dos nossos ancestrais afroindígenas, além do suor dos explorados da terra. E se não fosse pouca substância neste composto cruel, ainda foi acrescentado o sangue dos animais de criação. O modelo latifundiário predatório ganhou ainda mais fôlego com a “Revolução Verde” e com a propaganda alienante da grande mídia.

O documentário “A Conspiração da Vaca” mostra como os pecuaristas montaram um poderoso sistema para ocultar na sociedade os impactos e a crueldade que está por detrás das cancelas de seus currais. A pecuária é disparada a atividade humana com o maior impacto ambiental, mesmo assim as grandes instituições ambientais, como é o exemplo do Greenpeace, não toca quase um dedo na ferida, o motivo é que esta e tantas outras instituições são financiadas por este setor produtivo. A pecuária controla e manipula no mundo inteiro setores importantes da política, da educação e da grande mídia.

A coisa é tão sutil que os movimentos camponeses brasileiros acabam que por tabela no mesmo jogo. O prefixo atacado por todos é o AGRO (terra cultivada) para que de forma minuciosamente ideológica, o verdadeiro vilão, PECUS (gado) fique invisibilizado. O AGRO é subordinado ao PECUS, 80% da soja (carro chefe) do primeiro é para alimentar o segundo. Por isto vamos aqui dar a “Cesar o que é de Cesar”, o termo Agronegócio e Agropecuária, será denominado nesse trabalho de Pecuagronegócio e Pecuagrária.

As grandes multinacionais pecuárias e alimentícias (Monsanto, Cargil, Bayer, Bunge, ADM, Sygenta, JBS-Friboi, Sadia e tantas outras) montaram “um grande complexo de sistemas – agropecuário, industrial, mercantil, tecnológico, financeiro e ideológico – que está se territorializando sobre os latifúndios, desterritorializando o camponês” (FERNANDES, 2012, p.746). Dentro da lógica de ação desse complexo “as instituições formais de educação, devem ser induzidas a uma aceitação ativa dos princípios reprodutivos orientadores dominantes na própria sociedade e de acordo com as tarefas reprodutivistas que lhes foram atribuídas” (MESZÁROS, 2008, p.44).

A pecuária montou um poderoso sistema lobista no Mundo inteiro. No Brasil o “Partido do Boi” tem maioria simples de parlamentares atualmente na Câmara Federal, estamos tendo uma das legislaturas mais retrógradas da história. O “Partido do Boi” ao redor do Mundo exerce forte influência nos rumos de todos os segmentos sociais, ocultando do currículo escolar e dos veículos de comunicação informações que trate dos prejuízos provocados pelo setor. (A CONSPIRAÇÃO DA VACA, 2016)

Foi o trio parlamentar BBB (Boi, Bala e Bíblia), que tem maioria absoluta no Congresso Nacional, o responsável por dar a votação suficiente para a admissibilidade do pedido de impeachment da Presidenta Dilma Rousseff na Câmara Federal, numa votação patética que repercutiu no mundo inteiro, deputados votando em nome de suas fazendas, em nome de Deus, da família e nunca em nome da legalidade. A Bancada do Boi contribuiu para o Golpe que está levando o Brasil para a maior agenda de retrocesso de sua história. (OLIVEIRA, 2017).

Com o Golpe, a bancada ruralista ganhou de recompensa perdões milionários de dívidas com o governo e aprovação de projetos desastrosos para os povos tradicionais, para os camponeses, para a soberania nacional e para natureza; acentuando ainda mais os problemas no campo. Pipoca a cada segundo escândalo de corrupção no Planalto, os pecuaristas estão enterrados até o pescoço nesse “mar de lama”, como mostram as denúncias, a operação da Polícia Federal “a Carne é Fraca” e tantas outras evidências. A pecuária é uma atividade que só se sustenta assim com muito jogo espúrio para manter seus subsídios e privilégios absurdos, do contrário o curral é fechado, por ser uma atividade literalmente insustentável. (CARTA CAPITAL, 2016)

Em Morro do Chapéu essa ocultação provocada pelo setor pecuarista nos debates ambientais é revelada pelas palavras de Lobão (2006)

Entretanto, todas as discussões e tímidos avanços nacionais sobre as questões ambientais, são sempre suplantadas pelos interesses políticos e empresariais. A mineração, a agricultura e pecuária, extensiva e voltada para a exportação, desde a chegada dos europeus no Brasil, estão entre as práticas mais degradantes e excludentes. E o capítulo da Constituição Brasileira que trata sobre meio ambiente, nunca se tornou de domínio público, restringindo-se aos discursos políticos e ao clamor de grupos ambientalistas (LOBÃO, 2006, p.8).

As forças pecuaristas são altamente conservadoras e autoritárias, não aceitam críticas e nem muito menos debates que venham questionar ou denunciar as atrocidades cometidas pelo seu sistema produtivo. “A crítica às determinações estruturais significativas da sociedade é decretada ilegítima e essas são, portanto, protegidas com todos os meios disponíveis ao sistema, inclusive os mais violentos” (MESZÁROS, 2008, p.95). As milícias de jagunços montadas pelos fazendeiros buscam pelo uso da força silenciar as vozes dos militantes progressistas que ecoam nas trincheiras de luta no campo.

Importantes organizações internacionais e universidades renomadas começam a realizar importantes estudos sobre os problemas provocados pela pecuária. Em setembro de 2013, a agência das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), divulgou no relatório “Lidar com as Alterações Climáticas através da Pecuária” que esta atividade é a maior responsável por intensificar o Aquecimento Global. Em um novo estudo em dezembro de 2013, a FAO revelou ainda que 70% das doenças surgidas nos últimos anos são causadas por alimentos de origem animal (CHAVES, 2013).

“O Capital é irreformável porque pela sua própria natureza é incorrigível” (MESZÁROS, 2008, p.27), assim como a pecuária por tudo aquilo que já foi dito e pelos dados que estão presentes no Bingo Temático é um setor produtivo essencialmente inaceitável de todos os pontos de vista. Pensar uma transição agroecológica natural para o campo é urgente, “porque hoje está em jogo nada menos do que a própria sobrevivência da humanidade” (MESZÁROS, 2008, p.55).

“A estratégia reformista de defesa do capitalismo é de fato baseada na tentativa de postular uma mudança gradual na sociedade através da qual se removem defeitos específicos” (MESZÁROS, 2008, p.62) apenas mantendo viva a macroestrutura. Essa mesma estratégia apontada por Meszáros também é utilizada pelo capitalismo com a pecuária ao se propor o Boi Verde e outras alternativas alopáticas, carregadas de efeitos colaterais tão sintomáticas como a pecuária extensiva. É preciso uma revolução agroecológica natural radical para

“concretizar a criação de uma ordem social metabólica radicalmente diferente” (MESZÁROS, 2008, p.62).

Em Morro do Chapéu os desajustes provocados pela pecuária são intensos. Ela “acaba transformando áreas ricas em beleza natural, recursos minerais, espécies de fauna e flora raras em áreas degradadas, improdutivas e repercutindo na organização local e regional da sociedade” (LOBÃO, 2006, p.9).

A escola, principalmente a do campo, sofre mais diretamente com as desordens provocadas pela pecuária e deve se levantar contra este modelo. A educação do campo tem que assumir seu papel de direção na reversão das injustiças. Pois como dizia Paulo Freire: “lavar as mãos em face da opressão é reforçar o poder do opressor, é optar por ele” (2006, p.110).

O Plano de Desenvolvimento Institucional da UFRB 2010-2014 traz em seu corpo elementos bastantes progressistas em relação ao currículo, à política de reparação para os afrodescendentes, ao compromisso de desenvolvimento regional sustentável e também uma crítica em relação à pecuária pouco vista em documentos oficiais de outras instituições:

A produção vegetal, responde por 74% do Valor Bruto da Produção, caracterizando a Região do Recôncavo Sul como uma área essencialmente agrícola, onde as culturas contribuem com um significativo volume do valor total, enquanto que a produção de origem animal, liderada pela pecuária bovina, embora ocupe aproximadamente dois terços das áreas exploradas, só responde por 24% do valor regional. Dados do IBGE indicam que a produção agropecuária regional não possui grande expressão do ponto de vista de geração de renda, apesar de contar com um grande número de explorações de relativa importância como fonte de emprego na zona rural (UFRB/PDI, 2009, p.23).

Diante do panorama apresentado se faz necessária uma crítica que utilize transdisciplinarmente<sup>8</sup> várias metodologias de pesquisa para estudar com profundidade a rede sistêmica de problemas socioambientais relacionadas com a agropecuária. A Educação do Campo tem o compromisso ético e político de propor uma alternativa agroecológica natural familiar para substituir ao pecuagronegócio. A educação ficou reduzida nesta sociedade do consumo, a uma grande fábrica anacrônica de produção de engrenagens humanas, para a manutenção de uma ordem injusta.

---

<sup>8</sup> “A transdisciplinaridade reivindica a centralidade da vida nas discussões planetárias, propondo mudança no sistema de referência.” (Akiko Santos, s/d)

A Carne é Fraca (A CARNE..., 2004) e a Conspiração da Vaca (A CONSPIRAÇÃO..., 2014) são documentos cinematográficos de excelente fonte de sapiência para fundamentação teórica deste projeto de pesquisa. Os dois documentários são baseados em pesquisas científicas muito bem embasadas. Ambos trazem um “grito de socorro” da Natureza.

Um dos primeiros livros sobre Agricultura Orgânica do país foi “*Unidade da Vida: Manual de Agricultura Natural*” do agrônomo Edson Hiroshi Seó. Um grande exemplo de escrita orgânica, “O que aqui escrevi são coisas que já experimentei, vivenciei e agora passo à frente. Nada teórico. É a vida: inspirar-expirar, receber-dar, comer-evacuar, nascer-morrer.” (SEÓ, 1981, p. 13). Hiroshi faz críticas contundentes à agropecuária por produzir alimentos envenenados, destruir os elementos naturais, e, propõe a Agricultura Natural como caminho viável para reconciliação da humanidade com a Natureza. Vários dogmas pecuários são contestados, dentre eles os mitos sobre a fome, mostrando que esse fato social é uma questão de caráter político e não de escassez de alimentos.

O livro “*Da Crise à Paz*”, da ativista Ching Hai, traz uma gama de dados alarmantes produzidos por pesquisas recentes sobre os problemas ambientais provocados pela pecuária. A situação é tão grave que ela chega a dizer: “Antes de tudo, temos de saber que não temos outra escolha senão mudarmos. Ou mudamos, ou todos nós acabaremos. Não há mais nenhuma outra alternativa senão superarmos a pecuária” (HAI, 2011, p.70).

Um trabalho de pesquisa em educação que vai lidar com o povo do campo não pode deixar de acolher os conselhos e a vasta experiência de Paulo Freire. Ele trouxe uma vasta contribuição para a educação voltada para emancipação dos oprimidos do campo, deixando claro que “mudar é difícil, mas é possível” (FREIRE, 2006, p.89).

O filósofo indiano Osho debate com muita propriedade o presente objeto de estudo. Em um de seus artigos ele diz que: “Existimos em uma corrente, não estamos separados. E destruir outros animais não é apenas feio e desumano, mas também não-científico. Estamos destruindo nossa própria fundação, já que a vida existe em uma unidade orgânica. O ser humano existe como parte dessa orquestra” (OSHO, 2006, p.6).

As obras de Leonardo Boff contribuem para uma proposta de educação ecológica do campo, principalmente “*Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*”. Boff mostra que o sistema capitalista de forma simultânea degrada a terra e produz uma grande massa de pobreza. O livro relata o processo de evolução de bilhões de anos que deu origem ao Planeta Terra, e, que em pouco tempo a humanidade está destruindo todo o arranjo que mantém a

Teia da Vida. A pecuária é sinalizada como uma das grandes responsáveis por este desarranjo. É muita destruição para pouca produtividade, “os ganhos da pecuária são tão irrisórios que qualquer extrativismo os iguala e até os supera” (BOFF, 1995, p.160).

Para entender criticamente todo processo histórico de Colonização da América, “*As Veias Abertas da América Latina*” de Eduardo Galeano é uma literatura primordial. Galeano relata as tensões agrárias que se deram no campo para formação do latifúndio no Brasil, e, também a extensão para os dias atuais desses conflitos para sua manutenção e ampliação das fronteiras latifundiárias. “No ano de 1888 foi abolida a escravidão no Brasil, mas não o latifúndio. A maioria dos trabalhadores vive e trabalha em condições semelhantes à da escravidão” (GALEANO, 1979, p.129).

A pecuária patronal proporciona o esvaziamento do campo. A criação de animais para alimentação e para servir de matéria prima para indústria requer extensas áreas de terra para pastagem se extensiva e se intensiva grande área de lavoura para produção de ração. É o famoso ditado popular se “correr o bicho pega se ficar o bicho come”. Esse esvaziamento foi executado aqui no Brasil pelo arcabuz (um tipo de espingarda), pistolas, facões, machados e foices dos bandeirantes e capitães do mato (NAVARRO, 2013); e o serviço continua pelos jagunços contratados pelos latifundiários com a escopeta de repetição, fuzil FAL (de uso exclusivo do exército), submetralhadora, pistola e revólver (LOPES, s/d).

O professor Bernardo Mançano traz números irrefutáveis que deixam evidente que enquanto um projeto de ocupação do solo quer esvaziar o campo para expandir o latifúndio, o outro quer fixar a mulher e homem no campo com qualidade de vida. “A relação pessoa/hectare nos territórios do agronegócio é de apenas duas pessoas para cada 100 hectares, enquanto nos territórios camponeses a relação é de quinze pessoas para cada 100 hectares” (FERNANDES, 2012, p.747).

Na Inglaterra e em toda Europa o método de territorialização da pecuária foi o mesmo praticado por aqui. O texto *Acumulação Primitiva* de Marx evidencia essa similaridade: “A propriedade comunal foi usurpada pela força, na maior parte das vezes acompanhada pela transformação da terra de cultivo em pastagem (MARX, 2015, p.45). Quase todas as propriedades dos camponeses, “cidades e povoados destruídos para converterem em pasto de gado e dos quais só restam de pé as casas do senhoril” (MARX, 2015, p.35).

As maiores e melhores porções de terras nas mãos dos pecuaristas virando capim para o carneiro virar lã para a indústria têxtil e junto com o boi virar carne e couro para gerar

dinheiro na mão da burguesia industrial e pecuagrária. E os poucos agricultores que resistiram no campo “serão empurrados para terras ainda mais rudes e para uma nova penúria mais tormentosa. (MARX, 2015, p.45), como sempre apenas o resto ficando para os oprimidos.

Essa história de o resto ficar para os trabalhadores vai para além da posse da terra, nas fazendas de escravocratas as partes ditas “nobres” do animal assassinado (filé, picanha, costela e alcatra) eram destinadas para a Casa Grande, enquanto o resto do esquarteramento (vísceras, articulações, órgãos, cérebros, ossos e cartilagens) eram jogadas para a senzala. Que com muita temperança e muita saturação aproveitavam essas carniças (definição de toda carne de animal morto) para se safarem da escassez de alimentos. Essas sobras são órgãos de renovação, filtragem e evacuação; é onde se concentram as toxinas, o LDL (colesterol ruim), fezes, urina e pus dos animais; sendo fontes ainda mais graves de debilidades e desajustes na saúde (REIS e AGUIAR, 1996).

O Território, com todo seu dinamismo efervescente e conflitante, é uma categoria fundante do trabalho de Bernardo Mançano e dos movimentos sociais que tem a Reforma Agrária Popular e Soberana como bandeira de luta. Na citação abaixo ele aborda bem a importância que tem esta categoria para o movimento camponês.

Ao perder a propriedade, seu espaço de vida, seu sítio, sua terra e território, a família a família camponesa é desterritorializada. Como reação a esse processo, ocorrem a luta pela terra e as ocupações, na tentativa de criação e recriação da condição camponesa: camponês e território são indissociáveis, e a separação entre eles pode significar a destruição de ambos (FERNANDES, 2012, p.745).

A desterritorialização da propriedade do agricultor familiar para a territorialização do pecuagronegócio fez com que os camponeses organizassem a Liga Camponesa na década de 50 e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST em 1984. A reterritorialização da propriedade camponesa usurpada desde a chegada de Cabral faz parte da pauta central dos dois movimentos. O MST, que hoje é um dos maiores movimentos sociais da América Latina, continua na luta por Reforma Agrária Popular de base Agroecológica, tendo como lema de luta: “Terra não se ganha, terra se conquista” (FERNANDES, 1999, p.229).

“Além do processo territorialização-desterritorialização-reterritorialização (T-D-R), que representa a essência da resistência do camponês no enfrentamento com o capital, ocorre também o processo de monopólio do território camponês pelo capital” (OLIVEIRA, 1991 apud FERNANDES, 2012, p.746). Se não bastasse o roubo das terras camponesas, agora o pecuagronegócio busca através de um pacote produtivo substituir as práticas



ecológicas da Agricultura Natural, da Agricultura Sintrópica, da Permacultura, da Agricultura Orgânica, da Agroecologia, da Agroflorestal, da Agricultura Biodinâmica e tantas outras práticas que vêm sendo gestadas milenarmente através de uma relação simbiótica do ser humano com a natureza por um pacote cheio de veneno, transgênicos, técnicas e procedimentos que só levam à desertificação do solo. O grande desafio do campesinato “é manter sua soberania desenvolvendo seu território por meio de sua autonomia relativa e do enfrentamento à hegemonia do capital” (FERNANDES, 2012, p.746).

Historicamente em alguns seres humanos foi desenvolvida a célula do desejo de se impor como o senhor dos outros, outros aqui entendidos em sua totalidade como todas as formas de vida. Esse desejo foi alimentado e dinamizado por várias práticas e teorias cartesianas. O paradigma não só colocou arbitrariamente a espécie humana como centro do universo, mais alguns poucos indivíduos dessa mesma espécie como centro do centro, jogando todo o resto para a periferia.

Dentro desse caminho tortuoso, a humanidade desvinculou o sagrado das coisas, rompendo com os princípios da vida viva. Este anelo-cósmico causou várias consequências desastrosas ao longo da história. A crise socioambiental revela a ignorância profunda com que o ser tido por ele mesmo com mais inteligente e evoluído conduziu sua própria vida. Condução antiecológica que não só colocou as outras espécies em risco de extinção, mas também sua própria espécie.

O planeta Terra nunca vivenciou em toda sua existência, em tão pouco tempo, tantas transformações, se espera chegar em 2050 com um milhão de espécies extintas aproximadamente. O processo de desertificação do solo atinge 40% da área continental. Quase a totalidade dos rios estão poluídos, os lençóis freáticos também enfrentam processo de escassez e contaminação, os oceanos estão virando verdadeiros lixões. Uma das florestas com a maior biodiversidade do planeta, a Floresta Atlântica, foi brutalmente devastada, restando apenas 7% de sua área original (BOFF, 1995). Os fenômenos naturais como secas prolongadas, enchentes, erupções vulcânicas, terremotos, maremotos, furacões são apenas reações da natureza às agressões humanas.

O horário da merenda é mais um bom exemplo para reafirmar o caráter de mera reprodutora da realidade perversa a qual foi imposta à escola. A escola reproduz apenas o paladar artificial implantado nas crianças pelas grandes multinacionais alimentícias. Na merenda as crianças comem produtos de péssimo valor nutritivo e a escola perde um

importante momento de exercer verdadeiramente seu caráter educativo, o momento da merenda seria um bom espaço para ensinar as crianças hábitos alimentares saudáveis, dicas de saúde, as propriedades dos alimentos, além de fazer uma reflexão crítica dos prejuízos para a saúde e para ao ambiente proporcionados pelo alimento artificial. Jorge Conceição (1995, p.5) traz uma contribuição muito importante para aprofundar essa temática:

Um dos fatores primordiais e é propositalmente esquecido na educação ou na maioria dos trabalhos sobre ecologia, é a alimentação. Quando observamos as crianças no modelo educacional vigente, totalmente distantes da natureza, comendo todos os alimentos artificiais, carnes, laticínios, ingerindo enlatados, degustando batatinhas fritas e biscoitos recheados, vamos constatar toda dinâmica do que ocorreu com a saúde integral no transcorrer de milênios de alienação. As crianças distanciadas da ecologia são educadas desde cedo com alimentos demasiadamente artificiais, passando a odiar ainda novinhas todos os legumes e até as deliciosas frutas. Todos nós sabemos ou deveríamos saber que essa base infantil deformada da natureza integral é uma das razões mais significativas para gerar as doenças mais graves quanto adultos.

É demagógica e preconceituosa (conceito limitado) a maneira como vem sendo tratada a agroecologia nos parâmetros modistas da sociedade contemporânea. A agroecologia é banalizada e marginalizada dentro dos paradigmas hegemônicos atuais, que só visa aos fatores econômicos exacerbados. O ecocapitalismo reduz a agroecologia ao simples verde, a ciência do verde. Usa a Agroecologia Orgânica de forma distorcida como forma de manter seus lucros calcados na exploração e destruição da natureza, agora de maneira disfarçada. Ecocapitalismo é como diz o ditado popular “lobo com pele de cordeiro”. A Agricultura Orgânica entrou na lógica do mercado, está voltada para o abastecimento das prateleiras dos mercados que apenas a burguesia tem acesso devido aos altos preços e não para a soberania alimentar de toda nação.

A Agroecologia Natural não é monocor, mas sim multicor. É mais que ciência, é a sapiência do cuidado com a vida integral. A Agroecologia Natural “é a ciência da sinfonia da vida, é a ciência da sobrevivência” (BOFF, 1995, p.19). Não é apenas na dimensão do simbólico que o mono é imposto, “mas também nas relações materializadas, o Capital impõe um modelo produtivo monocultor, impedindo que a família camponesa pratique a policultura” (FERNANDES, 2012, p.746). A diversidade é uma das muitas palavras que não fazem parte do dicionário do Capital.

A educação ecológica entende que didaticamente a prática diz muito mais que a teoria. Com esta afirmação não se está negando a importância da teoria, mas reafirmando que sem

prática-teoria-prática a teoria vira banalidade, e que de tratados e teorias em estado puro o mundo está cheio, chegou o momento da oração (hora da ação) (FREIRE e BETO, 2001).

Tornou-se imprescindível a urgência na busca da relação simbiótica ancestral de Gaia com seu filho caçula, o ser humano, se a humanidade quiser garantir a sustentabilidade da vida planetária.

A busca da re-ligação com a natureza só se fará plenamente pela via do cuidado, logo exprime a necessidade da constante ação quântica solidária para sua existência. A essência de qualquer trabalho que se proponha ser agroecológico é o cuidado com a terra e com seu próprio corpo, sem ele a agroecologia vira mais verborragia intelectual (CONCEIÇÃO, 2012).

Muitos segmentos sociais estão falando de agroecologia da boca para fora, não entendem o que venha a ser de fato agroecologia, não consideram o corpo como mais um espaço natural. Dentro de uma visão mais profunda se verifica que o Aquecimento Global está implicado com uma multiplicidade de “aquecimentos intestinais”, que só um poluidor interno polui externamente. Nos discursos agroecológicos modistas pode-se acompanhar ecocapitalistas propondo a limpeza dos rios sem antes limpar suas veias, querendo resolver o problema do lixo urbano sem parar de entupir suas vísceras com o lixo alimentar diário, buscando a reversão do efeito estufa exacerbado sem a despoluição de seus pulmões pelo cigarro, lutando pelo respeito à vida comendo carne (CONCEIÇÃO, 2012).

Com esse panorama apresentado até aqui, a agroecologia verdadeira se dará começando pelo cuidado do corpo. “A solução para o dilema atual não poderá ser encontrada através de caminhos antigos e já trilhados, mas sim através de alternativas radicalmente novas e originais” (LAGO e PÁDUA, 1989, p.12). Só um corpo saudável pode vivenciar a vida viva. Ao se alimentar de alimentos orgânicos vindos de produtores agroecológicos o indivíduo contribui para sua própria saúde e também para saúde do planeta.

“Pensar globalmente e agir localmente” é máxima ecológica para se reverter o caminho da autodestruição trilhada há séculos pela humanidade. As novas gerações têm que ter a clareza que é possível trilhar um caminho oposto a esse trilhado pela humanidade em seus milênios de existência onde aos poucos desvinculou o sagrado das coisas. Mas é fundamental saber que o caminho se faz caminhando. É possível e necessário desenvolver a eco-economia-solidária do século XXI e as palavras de Lago e Pádua (1989, p.37) logo abaixo são bastante inspiradoras:

Existe uma enorme e moderna auto-estrada que nos conduz a um abismo. A partir do momento que nos conscientizamos desse fato, devemos abandonar essa auto-estrada, pois sabemos para onde ela nos conduz. Além de denunciarmos esse destino, devemos partir para a criação de estradas paralelas que nos conduzam a outras direções. Estradas diferentes, talvez não tão vistosas, mas sem dúvida mais leves, mais humanas, mas equilibradas com a paisagem. Devemos, principalmente, mostrar que, ao contrário do que pretende a ideologia dominante, aquela auto-estrada não é o único caminho, nem é o que nos conduz a felicidade coletiva, a convivência, a solidariedade e a felicidade.

É preciso quebrar muitos paradigmas que impregnaram a sociedade durante séculos, um deles é o antropocêntrico, que sempre afirmou que o ser humano é a única espécie detentora de conhecimento, a única a realizar o processo dialético de aprendizado-ensino-aprendizado. A sabedoria ecológica primitiva já reconhecia a inteligência presente em todos os seres vivos, inteligência que a visão cartesiana europeia negou e disseminou arbitrariamente essa negação para todo mundo como estratégia de dominação, assim como o fez com os povos indígenas e africanos, negando a estes não apenas o reconhecimento de sua capacidade de raciocinar, mas sua própria condição como espécie humana, isto tudo como estratégia e justificativa para poder escravizá-los. Este processo todo de dominação e exploração das espécies e dos povos colonizados teve o aval da Igreja Católica, que com seus teóricos ajudava a sistematizar as teorias especistas e racistas (BRÜGGER, 2009).

Como em nenhum outro momento da história as instituições de ensino têm a obrigação de repensar suas ações pedagógicas, invertendo e estabelecendo prioridades, se impondo como espaço de criticidade. Espaço que se propõe refletir profundamente através de um processo epistemológico a situação caótica que toma conta da sociedade e ao mesmo tempo propondo possibilidades viáveis para transformação da realidade.

A educação não pode continuar vivendo em uma ilha esquizofrênica, onde os grandes conteúdos relevantes para a construção de um novo modelo de sociedade não são devidamente tratados. O conhecimento valorativo tem que começar a ser a direção na construção dos currículos escolares, e em um tempo de ameaça de extinção da espécie humana nenhum outro tema é tão importante como o do envolvimento agroecológico. Aqui é proposta a palavra “envolvimento” em substituição a “desenvolvimento”, o prefixo “des” de origem latina significa negação (des+envolvimento significa não envolvimento). O envolvimento sustentável significa crescimento econômico de forma solidária, com preservação da natureza e incluindo pessoas na distribuição equilibrada dos frutos do trabalho, pensando sempre na boa qualidade de vida desta e das futuras gerações.

Desenvolvimento Sustentável é uma nomenclatura perfeita para representar o modelo ecocapitalista que continua com a mesma lógica de exploração da classe trabalhadora para geração de mais valia para uma elite burguesa, crescimento econômico com concentração de renda e com uma falsa preservação do meio-ambiente. Para o envolvimento agroecológico não existe meio-ambiente e sim ambiente integral, não existe metade do ambiente. Meio-ambiente é mais um termo equivocado de tantos utilizados pela sociedade e reforçado pela escola, como se fosse possível ter dois ambientes, um do ser humano e outro das demais espécies. É bom salientar que são termos equivocados mais que traduz nas entrelinhas o sentimento real pretendido pela classe dominante.

É preciso uma Educação do Campo que contribua para o surgimento do homem novo e da mulher nova, estes devem ter a clareza de que não podem parar de caminhar, a certeza que o processo revolucionário (evoluir de novo) é feito em cada ato do cotidiano. Essa nova educação será pautada, sobretudo por princípios agroecológicos e podem-se citar quatro compromissos sagrados para uma organização básica da vida natural citados por Jorge Conceição (1995, p.7):

primeiro, o ser compreende e cumpre com disciplina e identidade, as leis que regem a dinâmica dos elementos (terra, água, fogo, ar e tempo-movimento) e a vida planetária; no segundo, ao compreendemos que somos materialmente iguais a qualquer outra forma de vida, nos solidarizamos e respeitamos os demais viventes internos e externos a nós; no terceiro, através dos ecológicos alimentos e das sagradas e precisas varridas, limpamos por dentro e por fora do nosso corpo; na quarta, aprendemos o ato de conviver com as diferenças sexuais, de línguas, de filosofia, de religião e etc.

Precisamos de uma nova sociedade que será obra de pessoas verdadeiramente comprometidas em cada ato, por mínimo que seja, de fazer as coisas levando em conta o cuidado com o próximo. Paulo Freire (1985, p.77), em seu livro *A Importância do Ato de Ler*, traduz muito bem como seria essa nova sociedade.

Eu sonho com uma sociedade reinventando-se de baixo para cima, em que as massas populares tenham, na verdade, o direito de ter voz e não apenas de escutar. Esse é um sonho possível, mas que demanda o esforço fantástico de criá-lo. Quer dizer: para isso, é preciso que a gente anteontem já tivesse descruzado os braços para reinventar essa sociedade. A sociedade em que nenhum homem, nenhuma mulher, nenhum grupo de pessoas, nenhuma classe explora a força de trabalho dos outros. Não se cria uma sociedade assim da noite para o dia. Para fazer a sociedade nova, precisamos trabalhar, precisamos transformar a sociedade velha que ainda temos.

O movimento agroecológico tem que se atentar também para práticas ancestrais de cuidado com a saúde, algumas mais importantes são a gestação e o parto natural. A sociedade moderna perdeu a sabedoria com que eram tratadas as gestações nas comunidades tradicionais ecológicas. Felizmente existe um movimento em ascensão de mães e pais conscientizados, junto a profissionais de saúde comprometidos em favor da gestação natural, do parto humanizado. O presente trabalho comunga com as palavras de Jorge Conceição (2012, p.4) acerca do assunto levantado:

Acreditamos que o resgate da dignidade da dignidade ancestral nos seres humanos desde a gestação-ecológica, propiciará partos naturais de cócoras, crianças que serão adultos saudáveis e amorosos a partir das orientações de outros adultos já reeducados, e, conseqüentemente, uma sociedade menos infeliz, poderá vir a renascer, a saúde preventiva natural-integral a partir do ventre materno e uma educação calorosa de estima-solidária, justiça e amor na pluriethnicidade social, traduzem a reinvenção de um estado de respeito à vida no seu mais amplo sentido.

O ventre da mãe é a primeira escola da criança e o convívio familiar sem dúvida a segunda. O bom funcionamento dessas duas escolas é de uma importância gigantesca para a formação de uma nova mulher e um novo homem.

A prática pedagógica, como nunca antes na história da humanidade, tem o compromisso de contribuir para o surgimento de novos paradigmas sociais. A educação tem o papel na contemporaneidade de conduzir a humanidade para novos caminhos. Educar para a sobrevivência tem que ser o objetivo número um da escola.

Seguem abaixo algumas categorias fundantes dessa caminhada coletiva e coletivizante:

**1 - Educação do Campo:** que seja antes de tudo do e no campo. Educação que tenha seus currículos nutridos pela Pedagogia Socialista, pela Pedagogia do Oprimido, pela Pedagogia do Movimento e pela Pedagogia da Terra. Pedagogias Libertárias que têm o compromisso de contribuir com a conscientização e emancipação da Classe Trabalhadora.

**2 - Envolvimento Local Sustentável Solidário:** Aqui o envolvimento não mais se prende apenas ao crescimento econômico, mas envolve a superação da pobreza, a inclusão social e cultural e os cuidados ambientais, mediante um processo que garanta a preservação da vida e dos recursos naturais para as gerações atuais e futuras. Este modelo *Sustentável Solidário*

resgata as sabedorias ancestrais Afroindígenas, no sentido de levar em consideração as potencialidades naturais locais e a distribuição comunitária dos frutos do trabalho.

**3 - Educação Ecológica:** É um ato político – uma práxis radical, pois, prioriza a defesa da vida de todos os seres, além de lutar contra sistemas que não levam em conta o bem-estar social; as cidadãs e os cidadãos aprendem que têm o poder para transformar a sociedade.

**4 - Emancipação Coletiva:** A emancipação coletiva é a ação de tornar plenamente livre de qualquer ato de opressão toda sociedade integralmente. Entendemos que este processo deve começar com a reparação das minorias (crianças, mulheres, negros, indígenas, camponeses e os idosos) que historicamente foram as maiores vítimas deste modelo civilizatório brutal, que em nome da modernização capitalizou nossos recursos naturais, alienou nossas mentes e nos reduziu a seres reativos e não mais ativos.

**5 - Ética Universal do Cuidado:** O ser humano como espécie caçula dotado de maiores potencialidades através do acúmulo histórico do processo evolutivo tem a missão cósmica de cuidar das outras espécies.

**6 – Agroecologia Natural Comunitária:** Modelo agrícola ecológico de base familiar que produz alimentos saudáveis consorciado com a preservação da biodiversidade, além de gerar oportunidades no campo através da economia solidária. Este modelo contribui para superar as problemáticas do pecuágronegócio que produz alimentos envenenados, destruição ambiental e desemprego no campo causando o êxodo rural. Este responsável por agravar a crise urbana no país e no mundo. A Agroecologia Natural entende a natureza como ente sagrado. O cultivo leva em consideração os ensinamentos e os ritmos vindos da Mãe Terra. Não explora e nem utiliza os animais, é um processo que liberta os animais do abuso humano.

**7 - Relações Interpessoais com Amorosidade:** As pessoas têm que compreender que a raça humana é uma só e que a diversidade étnica faz parte da grande biodiversidade presente em tudo ao redor do mundo. Também é preciso compreender que não existe um gênero superior a outro, o homem não é superior à mulher, nem tampouco a mulher é superior ao homem, ambos necessitam-se, carecem-se, suplementam-se em suas mais diversas tarefas (não há o

homem sem a mulher, nem há a mulher sem o homem), é na junção sagrada de ambos que nasce e se mantém a nossa espécie. O machismo, o feminismo e o racismo são tipos de preconceitos (visão limitada das coisas) que precisam de uma vez por todas ser superados, para que brotem relações interpessoais amorosas, superando os conflitos étnicos e de gênero, infelizmente, ainda presentes no Planeta.

**8 - Democracia Participativa com Criticidade:** A sociedade se reconhece naquilo que ajudou a construir. A participação cidadã e o controle social são poderosos instrumentos para superar a tradição clientelista e assistencialista que permeia a cultura política brasileira, responsável pela reprodução dos privilégios de poucos em detrimento dos interesses da maioria da população. É bom salientar que não basta apenas participar por participar, as cidadãs e cidadãos sociais têm o compromisso de contribuir com um debate mais aprofundado diante das discussões, para a superação da sociedade capitalista e anunciar a nova sociedade socialista pautada no respeito à diversidade cultural, na busca da igualdade social e no cuidado com a natureza.

**9 – Permacultura:** É imprescindível que na contemporaneidade a escola comece a dar bons exemplos ecológicos, e a permacultura através de suas técnicas de como lidar e utilizar a natureza de forma equilibrada tem muito a contribuir com a educação. A escola tem que começar efetivamente a ter projetos ligados à boa destinação de seus resíduos sólidos, projetos de hortas e viveiros de plantas escolares, projetos de como lidar com os recursos hídricos, projetos ligados a bioconstrução e também a produção de energia renováveis. São as famosas tecnologias brandas tão bem dominadas pelos permacultores e infelizmente pouco difundidas na sociedade.

**10 – Saúde Preventiva:** A educação é à base da sociedade, todas as áreas estão ligadas a ela. O cuidado com a saúde através do ensinamento da higiene corporal, da alimentação saudável e com o incentivo a movimentos corporais devidamente praticados deve fazer parte central da prática educativa. Um povo educado é um povo saudável. A escola tem o compromisso de colocar verdadeiramente em prática a saúde preventiva. O resgate dos conhecimentos fitoterápicos e das terapias naturais através de projetos educacionais contribuirá muito de



conteúdo transversal e com a concretização do papel da escola com promotora da saúde preventiva.

11 – **Revolução Agrária Popular:** o Brasil, que é o segundo maior latifundiário do planeta, perdendo apenas para o vizinho Paraguai em concentração de terra, precisa virar de uma vez por todas sua página triste de segregação e chacina contra os povos do campo. A cerca do latifúndio precisa ser quebrada para que floresça vida de qualidade em abundância nas aldeias, nos quilombos, enfim no chão de cada comunidade rural. Reafirmamos que essa Revolução é urgente e só virá com muita luta pelas mãos das sujeitas e sujeitos emancipados do campo unidos com os da cidade, porque só dentro de um novo projeto político societário esse feito será possível.

Precisamos realizar uma profunda “mudança que nos leve para além do capital no sentido genuíno” (MESZÁROS, 2008, p.25). Mudança essa que nas palavras do próprio Meszáros: “não podem ser apenas formais; elas devem ser essenciais” (MESZÁROS, 2008, p.35). Deve ser um processo orgânico, visceral.

#### **4– Apresentação Socioambiental de Morro do Chapéu**

##### **Payayá**

O território que atualmente pertence ao município de Morro do Chapéu era habitado antes da chegada dos colonizadores pelos índios Payayá e por uma grande biodiversidade de animais e plantas. Nossos ancestrais gestaram por muitos anos uma relação simbiótica com a Mãe Natureza. Estes seres ecológicos, como todos os outros povos de pindorama, aprenderam observando todos os outros filhos da Terra práticas agroecológicas sintrópicas e permaculturais de cultivar seus alimentos, bioconstruir suas moradas e demais utensílios, e, sobretudo de viver em comunidade com espírito de solidariedade (CUNEGUNDES, 1989).

O projeto do Velho Continente para o Novo Continente tinha na pauta o extermínio da cultura e dos próprios povos tradicionais com a finalidade de saquear as riquezas naturais e colonizar o novo território. Implantando por aqui um modelo agrário latifundiário

extremamente degradante para o ambiente integralmente e para a mão de obra escrava indígena e africana (GALEANO, 1979).

Dentro da lógica descrita no parágrafo anterior, os Payayá sofreram uma brutal dizimação. Este processo se inicia já em meados do século XVI com a chegadas das primeiras expedições de desbravamento dos bandeirantes em busca de pedras preciosas, reconhecimento geográfico e hidrológico da região (LOBÃO, 2006).

Vários são os registros dos nossos ancestrais Payayá, desde objetos de cerâmica e pedra, figuras rupestres, dentre outros. Os registros deixados nas rochas fazem de Morro do Chapéu um dos mais importantes campos de figuras rupestres do país. É pena que a maior parte desse material encontrado tenha sido levado irresponsavelmente do município por pessoas físicas e instituições de pesquisas, sendo uma perda irreparável para a reconstituição memorial desse povo e para futuros estudos. As figuras rupestres também não estão fora da depredação, são várias figuras que já sofreram pichação e também foram destruídas por empresas mineradoras (LOBÃO, 2006).

Existem vários descendentes dos Payayá, sobreviventes do massacre, espalhados por toda região. Eles já eram considerados extintos. No povoado de Cabeceira do Rio, no município de Utinga, tem um agrupamento de Payayá lutando pelo reconhecimento de seus remanescentes como povos indígenas. Essa luta é travada desde a década de 90, encabeçada principalmente pelo Payayá, prof<sup>o</sup> Juvenal Teodoro. Nas margens do rio Utinga eles realizam a manutenção e o resgate da cultura de seus antepassados. (REGI CACIQUE, 2006)

A grande resistência para o reconhecimento é a incompreensão que os Payayá não acabaram, simplesmente sofreram uma forçada miscigenação. Como eram resistentes em trabalharem como escravos para os fazendeiros, mineradores, coronéis e também de servirem como capitães do mato para os bandeirantes, os homens foram assassinados e nossas mães indígenas estupradas. Os historiadores e as organizações indígenas precisam saber que o povo brasileiro mestiço é fruto do estupro de nossas mães indígenas e afrobrasileiras, e no caso dos remanescentes dos Payayá é notório em seus corpos a grande predominância dos traços indigenistas. E o mais importante é a afirmação dessas pessoas como descentes dos povos tradicionais que ocuparam essa região antes da chegada dos brancos europeus invasores. (REGI CACIQUE, 2006)

## **Cenário sociopolítico**

Emancipada politicamente em 07 de maio de 1864, Morro do Chapéu recebe essa denominação por conta de um grande morro (Morrão) que fica próximo a cidade, este possuía em seu topo uma imensa pedra que lhe dava formato de um chapéu. Esta pedra acabou rolando por conta dos ventos e erosões. Atualmente o território tem uma extensão de 5.532 km<sup>2</sup>, sendo um dos maiores municípios do estado da Bahia, e uma população estimada de 36.789 mil habitantes (IBGE, 2010).

O Morro do Chapéu não está fora do quadro de degradação vivenciado historicamente no Brasil, desde o processo de colonização europeia. Aqui também os afrodescendentes foram brutalmente escravizados pela elite branca, e que constitui mais de 13 comunidades quilombolas. Infelizmente percebemos que tanto aqui como em todo o país a escravidão não acabou, mudou apenas de forma, os negros continuam sendo brutalmente discriminados e marginalizados do acesso às políticas públicas. Apesar dos inúmeros programas do governo federal nos governos de Lula e Dilma e estadual nos governos de Wagner e Rui Costa para este segmento da sociedade, nestas comunidades os quilombolas vivem de maneira extremamente precária, muitos sem acesso à luz e à água, a educação e a saúde, morando em submoradias, enfim, abandonados à própria sorte.

Na área social ele completa 153 anos de profundas desigualdades sociais evidenciadas nas diferenças entre o patrimônio dos antigos e atuais governantes e o patrimônio dos governados. A falta de um bom planejamento político administrativo ao longo do tempo produziu um estado de calamidade pública. O município enfrenta problemas similares a de grandes cidades como violência, alto consumo de drogas, exploração sexual, maciça quantidade de desempregados, péssimas condições na educação e saúde pública, habitações precárias e tantos outros (LOBÃO, 2006).

Esse cenário de desigualdade está visualmente desenhado espacialmente na sede do município. A dissertação de Jocimara Souza Britto Lobão descreve esta situação nesse trecho abaixo:

As formas dos padrões especializados no mapa de uso do solo urbano traduzem, além da distribuição de classes sociais, a estrutura organizacional, onde a zona comercial e de serviços concentra-se no centro da cidade, a população de maior poder aquisitivo no seu entorno, ficando a periferia urbana destinada às classes mais pobres com padrão de construção regular e ruim, e na zona mais afastada,

principalmente à Noroeste da cidade as construções precárias (LOBÃO, 2006, p.159)

O espaço rural também presencia essa divisão territorial análoga a descrita na sede do município. São divisões herdeiras do Brasil Colônia que implantou um modelo agrário e urbano cheio de conflitos, com alta concentração de terras e imóveis na mão de poucos “abençoados por Deus”. A Bahia também foi dividida em duas grandes fazendas, a da Torre e da Ponte. Em Morro do Chapéu a maior parte das terras e as melhores ficaram na mão das oligarquias, aos agricultores familiares restou a sobra, pequenos pedaços de terra e muitos desses com pouca fertilidade, de difícil acesso, distantes da sede e com pouco recuso hídrico.

O problema está na má gestão e não na falta de recursos, já que a prefeitura morrense tem um dos maiores orçamentos da região. Embora tenha todo este volume de recurso, vive um atraso em diversas áreas sociais em relação aos outros municípios que possuem um volume financeiro bem menor e que pertenceram a Morro do Chapéu, como é o exemplo de Bonito, Tapiramutá, América Dourada, João Dourado e tantos outros.

Fala a história que dos 34 chefes do poder executivo que já passaram na cidade, um dos únicos que honrou com dignidade as suas atribuições foi o Cel. Francisco Dias Coelho, que esteve a frente do executivo municipal entre 1914-1919 (CUNEGUNDES, 1989). Este sendo uma personalidade endêmica, o único negro coronel da história da Bahia. Esta constatação se encontra presente em um trecho do livro *Diamante Negro* de Dantinhas, que diz: “Morro do Chapéu ainda não reencontrou o caminho de desenvolvimento iniciado pelo cel. Francisco Dias Coelho, tendo sérias dificuldades para educar seus filhos e gerar emprego e renda para seu povo” (DANTAS, 2006, p.29).

As famílias tradicionais oligárquicas sempre se alternaram no poder político de Morro do Chapéu. Praticamente todos os chefes do executivo e os deputados majoritários do município têm características em comum: são homens, patrimonialistas, pecuaristas, proprietários de latifúndios improdutivos, defensores do agronegócio e com praticamente nenhuma ação voltada para emancipação do povo. Embora ainda recebam o apoio de grande parte da população para se manterem desgovernando a cidade.

O juramento obrigatório na posse do prefeito e vice-prefeito presente na lei orgânica municipal “prometo cumprir com lealdade a constituição estadual e a lei orgânica municipal, observa as leis, promover o bem geral dos munícipes e exercer o cargo sob inspiração da democracia, da legitimidade e da lealdade” (MORRO DO CHAPÉU, 1990), ainda não saiu do

papel plenamente por nenhum gestor passado e pelo atual. Como também não saiu o Art. 37. da Constituição Federal, que reza sobre os princípios da administração pública (legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade, e eficiência) (BRASIL, 1988).

O quadro de descaso praticado pelas administrações públicas é mais evidente nos pequenos povoados da zona rural. Morro tem dezenas de povoados sem a mínima assistência de políticas públicas em qualquer área social. “Na zona rural existem centenas de crianças analfabetas, que, nascidas sobre uma cama de varas, forradas com uma esteira de tábua, onde se alojam baratas, percevejos, barbeiros, pulgas e outros insetos perigosos, bebendo água suja, sem a mínima assistência médica.” (CUNEGUNDES, 1989, p.51).

Sem dúvida o maior problema administrativo apresentado no município é a corrupção crônica praticada pelo poder executivo, ato historicamente apoiado pelo poder legislativo. Constantemente o TCM (Tribunal de Contas do Município) e o TCU (Tribunal de Contas da União) rejeitam e apontam irregularidades nas prestações de contas do poder executivo, e o poder legislativo as aprova, fazendo vista grossa aos relatórios apresentados.

## **Educação**

O município de Morro do Chapéu é fortemente marcado por uma formação educacional jesuítica. Esta serve de ferramenta para dois propósitos coronelistas: o primeiro é a escolarização dos filhos da elite local para a perpetuação do *status quo* social e o segundo é a domesticação das classes populares para aceitar subservientemente os mandos das oligarquias reacionárias. A escola teve na Igreja Católica um poderoso aliado em seu papel social de controle e alienação.

Essa aliança entre a Igreja e o comando político local fica fortemente evidenciado no episódio escandaloso no qual transformaram na década de 50 o local onde era a escola pública Grupo Escolar Cel. Dias Coelho no atual colégio particular Nossa Senhora da Graça. A direção do Colégio ficou a cargo de um padre (Padre Juca) e do grupo político do prefeito (grupo Jacu). Além de ser um forte crime de corrupção, também foi uma atitude de racismo, a elite branca queria apagar o negro, Cel. Dias Coelho, da memória da cidade. O Grupo Escolar

foi deslocado naquela época para a periferia da cidade, deixando o imponente prédio no centro da cidade para sediar o novo colégio.

Dois grupos tradicionais (Jacu e Besouro) vêm se alternando na frente da condução político-administrativa do município, ambos dentro de uma lógica patrimonialista, fisiologista e clientelista. Vivemos um anacronismo sem tamanho, uma sociedade contemporânea com modelo educacional da idade média e um sistema político da idade antiga.

O fruto produzido de todos estes anos de desmandos foi uma sociedade de menos de 40 mil pessoas convivendo com um absurdo número de homicídios, em sua maioria jovens negros marginalizados historicamente, sem acesso a uma gota de políticas inclusivas por parte do executivo local. Vale ressaltar que toda esta chacina é passada, por incrível que pareça, despercebida pelo poder público municipal (Dados fornecidos pela delegacia do município).

Especificamente na educação vivenciamos um êxodo similar àquele vivenciado pelo nordeste no início da Revolução Verde. Antes eram apenas os filhos de nossa elite local que iam estudar fora para cursar um nível superior, agora toda família, preocupada com o futuro de seus filhos, estão fazendo “das tripas coração” para colocá-los em outros municípios da educação infantil à superior. O mais vergonhoso disso é que o destino de um número significativo de estudantes é para cidades que outrora eram distritos nossos. Ressaltando que nas décadas passadas Morro do Chapéu era um centro regional de educação, recebendo estudantes de várias cidades.

Nosso sistema educacional é caótico, não temos uma única escola municipal construída pela prefeitura devidamente estruturada. O antigo prefeito, Edigar Dourado, do grupo dos Besouros, chegou ao ponto de não querer a presença da UNEB em nossa terra. O anterior nunca participou de uma audiência dentre várias que já aconteceram para tratar da mobilização para implantação da Universidade Federal da Chapada Diamantina– UFCD, que tem na proposta um campus em Morro do Chapéu. Lembrando que uma das audiências foi feita na própria cidade. Perdemos vários programas e projetos do Governo do Estado e do Governo Federal por inoperância da Secretaria de Educação Municipal.

Na zona rural a precarização chega ao cúmulo, salas multisseriadas improvisadas em cubículos. A educação oferecida para essas comunidades é a Educação Rural da “escolinha cai mais não cai”. Educação Rural que tem o propósito claro de desterritorializar as camponesas e o camponeses para territorialização do pecuagronegócio, ampliando ainda mais

as fronteiras do latifúndio. Infelizmente o debate sobre Educação no/do Campo nem de perto passa no município.

Nossas escolas municipais não têm além de tudo democracia interna, os cargos de direção são escolhidos através da lógica dos currais eleitorais. Nossa casa de estudante de Salvador está caindo aos pedaços. Enquanto isso a Secretaria Municipal de Educação é um prédio com requintes de luxo. Como ambientalista, para não perder o costume, devo denunciar que ela fica praticamente dentro do leito do córrego de esgoto em que transformaram nosso rio Jacuípe. É duro acompanhar que toda essa precarização orquestrada para aumentar o patrimônio de uma pequena minoria de sanguessugas da coisa pública é passivamente aceita por nosso povo.

Não poderia neste texto de reconhecer a bravura e a dedicação de muitas educadoras e educadores que apaixonadamente cumprem com toda dificuldade seus papéis de agentes de transformação social.

Cidade Mãe que um dia foi caracterizada pelo clima agradável e por ser um pólo educacional da região, atraindo estudantes das mais variadas cidades, infelizmente vivencia nos dias atuais um calor de mais de 30°C e uma intensa emigração de seus filhos em busca de oportunidades, já que ela se tornou ingrata, não oferecendo aos mesmos os cuidados necessários para sua sobrevivência digna em sua própria casa.

### **Agropecuária**

O gado bovino tem origem do gado taurino europeu e do gado zebuino asiático. As primeiras cabeças de gado chegaram ao Brasil por volta de 1534 (COSTA, 2011). O animal serviu no processo de colonização como tração para as lavouras e engenhos, transporte de carga, fonte de alimentação, matéria prima para roupas e outros produtos. O gado serviu também como importante instrumento de colonização do Sertão (como era denominado o interior do país), onde havia cinco milhões de indígenas, divididos em 1.400 tribos e falando 1.300 línguas diferentes (TÓTH, 2013). A maior biodiversidade de animais, plantas e ecossistemas planetários passou a ter apenas a pata do boi e lavouras para alimentar o rebanho do mundo inteiro. Por onde a boiada passava e passa deixa as cinzas de todos os nativos da Terra Brasilis (GALEANO, 1979).

Em 1724, quando se iniciou a exploração de ouro na freguesia de Jacobina, já se desenvolvia a criação de gado em Morro do Chapéu. Em 1823, a população do território foi aumentada por habitantes portugueses, refugiados da perseguição dos nacionais resultante das lutas da independência do Brasil, os quais aqui estabeleceram fazendas de gado (CUNEGUNDES,1989).

O aumento do consumo de carne, aves e laticínios gerou uma explosão na população de gado no mundo todo. No município a população bovina aumentou 53% nos últimos 10 anos. A população bovina local é de 39643 de cabeças superando a população humana estimada de 36.789 pessoas (IBGE, 2006).

O município está inserido na área do bioma caatinga, aqui nos últimos 30 anos 50% da caatinga foi devastada. Infelizmente entre mais de mil municípios pertencentes ao bioma, Morro do Chapéu ficou na 11ª colocação no ranking dos municípios que mais contribuíram irresponsavelmente para a devastação do mesmo entre os anos de 2002 e 2008. O território do município não apresenta apenas a vegetação caatinga como também o cerrado, a floresta estacional, a vegetação rupestre, brejos e ecotonos compõem seu diversificado mosaico natural. Todas elas sofrem com o desmatamento que tem como seu principal agente a pecuária extensiva praticada no município baseada em métodos de lidar com a Natureza e como a mão de obra do tempo do Brasil Colônia (LOBÃO, 2006).

A pecuária contamina os açudes, lençóis freáticos e aquíferos subterrâneos por conta dos dejetos, medicamentos usados na criação e dos agrotóxicos utilizados nos monocultivos destinados para ração. Em todos os rios morrenses podemos observar a destruição de boa parte das vegetações ciliares para darem lugar às pastagens. No seu trabalho Lobão reafirma esses impactos causada pela pecuária bovina associada com a caprina e a ovina no município:

Esta atividade ainda hoje, se processa de forma extensiva, sem uso de técnicas que visem sua sustentabilidade (...). Esta atividade, seguida pela criação de Caprinos e Ovinos (...) são as que mais degradam o ambiente, pela necessidade de grandes áreas de pasto e conseqüentemente implicando em grandes áreas desmatadas. O pisoteio do gado bovino caprino e ovino também provoca a compactação do solo, reduzindo a permeabilidade do solo e o conseqüente o aumento do escoamento superficial, principalmente nos períodos de chuvas torrenciais comuns no município (LOBÃO, 2006, p.125).

Uma prática constante para “limpeza” das propriedades para darem lugar às lavouras e as pastagens é a queimada da vegetação nativa, que acaba sendo uma prática desastrosa por eliminar 90% da fertilidade do solo e em muitos casos por possibilitarem graves acidentes



ambientais (poluição do ar e destruição de ecossistemas). Em Morro do Chapéu, entre os anos de 2009 e 2012, foram registrados pela ACV 74 focos de incêndio, alguns criminosos e outros propositais com a finalidade citada acima.

## **Ambiental**

O município é caracterizado por um rico patrimônio natural e cultural. Seu território apresenta uma vegetação complexa composta de: caatinga, cerrado, floresta estacional, campos rupestres e ecótonos. Associado a esta variedade vegetal ocorrem espécies de animais típicas como: carcará, siriema, abelha mandaçaia, veado catingueiro, mocó e tantos outros que já foram extintos ou estão em processo de extinção por conta da caça predatória e da destruição de seus habitats, como é o caso do colibri dourado, símbolo da cidade. Localizado no Piemonte da Chapada Diamantina, Morro do Chapéu possui um grande potencial turístico por conta dos fatores já citados, e pela presença de lindas cachoeiras (Ferro Doido, Agreste, Ventura, Domingos Lopes...), grutas (Brejões, Boa Esperança e Igrejinha), canyons, pinturas rupestres, flores dos mais variados tipos, clima frio e agradável. Esta complexidade natural proporcionou atração de diversos grupos sociais favorecendo surgimento de uma ampla variedade de expressões culturais.

Apesar do potencial ecoturístico da região, essa característica é pouco explorada, fazendo com que a matriz econômica do município seja pouco diversificada, centrada apenas em um modelo agrícola arcaico baseado em grandes latifúndios de baixa produtividade e de enormes impactos socioambientais.

Outro rico potencial econômico e sustentável menosprezado no município é o extrativismo vegetal. O município foi agraciado pela natureza com uma imensa variedade de frutas e flores nativas. Podem ser feitos vários produtos com os frutos só para citar três exemplos: cambuí (licor, fermentado (vinho), sorvete, suco, geladinho, farinha nutritiva...); umbu (doce, geleia, cerveja, umbu em conserva, polpa, umbuzada...); e licuri (licuri caramelizado, azeite, biodiesel, biscoito, farinha, cocada, artesanato...).

Em vez de valorizar as plantas nativas através do extrativismo ecológico solidário, as autoridades locais historicamente abrem as portas para projetos de monocultivos que acabam esgotando o solo, os recursos hídricos, um a um entram em declínio ao longo do tempo. Este é o exemplo do capim, feijão, milho, algodão e café historicamente; e atualmente o município

também é tomado pelo morango, uva e tomate. Todos plantados com muito adubo químico, inseticidas, herbicidas, devastando a vegetação nativa, consumindo e poluindo muita água; sem falar na exploração da mão de obra análogas em muitos casos a escravidão.

O município sofre com a perda constante de seu patrimônio natural e cultural, evidenciados pela redução da cobertura vegetal nativa, poluição dos rios, escassez de água, destruição dos sítios arqueológicos, extinção de espécies da fauna e da flora e desvalorização das manifestações tradicionais. Esse processo se deu e se dá por conta da falta de conhecimento integral sobre os elementos culturais e naturais morrenses, bem como a consciência da necessidade de preservação destes, para fortalecimento da identidade local.

A Chapada Diamantina é considerada a caixa d'água da Bahia, pois aqui nascem vários rios entre os quais o rio Paraguaçu, que banha inúmeras cidades baianas. Morro do Chapéu se localiza numa região privilegiada dentro da Chapada, fazendo parte das duas mais importantes bacias hidrográficas do Nordeste, a bacia do Paraguaçu, o mais importante sistema fluvial de domínio inteiramente estadual, ele é responsável por 60% do abastecimento de Salvador; e a bacia do São Francisco, um dos mais importantes cursos d'água do Brasil. Em seus solos porosos a água das chuvas é absorvida e armazenada nos lençóis freáticos para voltarem à superfície novamente através das centenas de nascentes pertencentes no território. Só para se ter uma ideia, apenas dentro do Parque Estadual Morro do Chapéu, foram catalogadas 545. Elas dão origem a inúmeros rios, dentre eles o Rio Jacuípe e Utinga, afluentes do Paraguaçu e o Salitre, além de alimentar o Rio Vereda do Romão Gramacho que passa dentro do município e nasce no município de Barra do Mendes, estes afluentes do São Francisco. Na sub-bacia do Jacuípe a junção dos acidentes geográficos e as águas dos rios proporcionam a formação das mais belas e visitadas cachoeiras morrenses (Cachoeira do Ventura, Ferro Doido, Domingos Lopes e Agreste).

Mesmo com tantos rios, Morro do Chapéu não é tão rica em água quanto parece, os mesmos que em tempos passados eram puros e permanentes se encontram praticamente mortos por conta da antropização de suas nascentes, margens e áreas de recarga pela expansão da fronteira agropecuarista, além da degradação herdada dos tempos do garimpo, somando-se a isso à instalação da indústria carvoeira no município que dizimou as florestas nativas para alimentar sua produção.

Segundo o Jornal Tribuna da Bahia, “Em pleno aniversário de 80 anos de Morro do Chapéu, os morrenses não tinham nada o que comemorar”, já que a cidade se consolidava

entre 1990 e 1995 como a maior produtora de carvão vegetal do Estado, com uma produção de 20 caminhões carregados por semana. Em uma das carvoarias 1.500 pessoas trabalhavam numa profunda exploração. Os maiores carvoeiros da região eram o ex-prefeito de Morro do Chapéu Virgílio Ferras e seu irmão José Carlos Ferras, donos da fazenda SIBRA, que mantinham seus fornos acesos dia e noite. A SIDRA possuía cerca de 9.000 ha de mata na parte sul do município praticamente toda desmatada (área hoje desapropriada para o assentamento da ATRUMIC) (LOBÃO, 2006, p.125). Esta indústria que foi extinta do município pela luta dos ambientalistas locais no ano de 1995, acabou retornando com todo vapor no ano de 2009, com a Licença Ambiental expedida pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente.

Outros fatores implicantes na degradação são as edificações construídas ao longo das margens dos rios Jacuípe e Yu-Yu em quase todos os seus trajetos na sede municipal. No Jacuípe foi instalado em sua nascente um assentamento de produtores rurais, nas suas margens inúmeros domicílios, empreendimentos, a Secretaria Municipal de Educação e com o aval da Secretaria Municipal de Meio Ambiente o Posto de Miguel Araújo. Nas margens do rio Yu-Yu também foram construídos vários domicílios, empreendimentos, a Igreja Católica e quatro postos de lavagem que além de destruírem a mata ciliar, ainda contaminam o rio com lubrificantes e outros derivados do petróleo que a cada litro despejado no rio podem contaminar até 950.000 litros de água. Também é importante salientar que na nascente do rio Yu-Yu foi construído um conjunto habitacional popular na gestão do ex-prefeito Edgar Dourado, agravando ainda mais o seu estado de degradação. Sem falar nos milhares de litros de efluentes domésticos despejados nestes rios, dando-lhes nos últimos tempos um aspecto de córrego de esgoto e não de rio.

No que diz respeito às águas subterrâneas, a situação também não é nada boa, dos 18 poços da EMBASA, a sua maioria perfurados no leito do rio Jacuípe, 11 já secaram e deles não se tira mais nenhuma gota de água, os sete restantes também já estão quase no limite. Um dos principais fatores desse esgotamento dos lençóis freáticos é o alto consumo diário *per capita* de 100 litros, o que daria segundo a ONU para abastecer até duas pessoas. A empresa está perfurando mais poços, porém com pouco sucesso. A situação é tão crítica que ela já pensou até na possibilidade de buscar água a 50 km, na barragem de Miguel Calmon, que fica a um desnível de cerca de 450 m em relação à sede de Morro do Chapéu, o que demandaria uma quantidade exorbitante de energia para bombear esta água até aqui. E o pior ainda está

por vir, segundo o estudo da CPRM realizado em 2010, em um futuro próximo a cidade não terá água suficiente nem para as necessidades básicas da população. E além dessa escassez, os lençóis freáticos sofrem com a contaminação por resíduos de agrotóxicos, chorume dos resíduos sólidos e por coliformes fecais provenientes das fossas sépticas.

A água, bem vital e sagrada, está escassa e poluída por ações estúpidas da humanidade, cabe a própria humanidade agora com sabedoria torná-la novamente abundante e pura. Atualmente está em fase de implantação um projeto de gigantesco de energia eólica por grandes empresas internacionais do ramo; com a previsão de que a cidade se torne um dos maiores parques eólicos do país. Por conta de sua altitude elevada, em 98% do município passa uma corrente de vento intensa, propiciando a instalação de torres eólicas. O problema que dentro da lógica capitalista esse mega empreendimento tende com tudo nesse sistema econômico a causar sérios impactos ambientais e sociais, já que não é diretamente proporcional o volume de recursos para implantação do Parque Eólico com o investimento na reparação ambiental e social causados por esse projeto. Além do mais, muitas das torres estão sendo implantadas em locais de grandes relevâncias naturais. Associado a esses fatores, estão na pauta também o problema agrário, muitos camponeses foram pressionados a venderem suas terras, muitas vezes pelo uso da força bruta, pelos atuais capitães do mato do grande capital.

#### QUADRO 01 - HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE MORRO DO CHAPÉU

Período/Ano	Marco histórico
Aproximadamente em 1551	Chegada dos Jesuítas e descoberta do Rio Utinga
1570-1600	O bandeirante João Coelho de Souza a procura de ouro alcançou a cabeceira do Rio Utinga, subiu a serra da Boa Esperança, em sentido Norte, até o monte chamado Morro do Chapéu, quando se dirigia para o Rio São Francisco através do Rio Paraguaçu.
1591	Faleceu Gabriel Soares, bandeirante enviado por João Coelho de Souza para explorar ouro na região. Ele foi o construtor da estrada colonial que foi o caminho para a colonização do município
1622	Descoberta de ouro na região de Jacobina. Faleceu Belchior Dias Coelho (Muribeca) descobridor das minas de prata
Meados do século XVII	Chegam à região Antonio de Brito Correia, Antônio da Silva Pimentel, João Peixoto Veigas e Romão Gramacho Falcão, bandeirantes que exterminavam os índios e exploravam a região
Meados século XVII	Uma imensa extensão de terra indo do Rio de Contas à cachoeira de Paulo

	Afonso foi doada à D. Fernando José e João Saldanha da Gama Melo Torres de Brito, com o objetivo de explorar e desenvolver a região.
1720	Foi criada a vila de Santo Antonio de Jacobina, em terras da Casa da Ponte
Após 1720	O colono Manuel Ferreira dos Santos adquiriu terras do 6º conde da Ponte e com seus filhos fundou a fazenda Gamaleira (hoje sede do município de Morro do Chapéu)
1724	Já havia criação de gado na região
1834	O Frei Clemente Adorno constrói uma capela de Nsª da Graça, nas terras pertencentes a Antonio Ferreira dos Santos, onde surge o povoado de Morro do Chapéu – atual padroeira da cidade
1823	Aumentou a população com a chegada dos portugueses que fugiam da luta pela Independência
1838	O Arraial foi elevado à categoria de Freguesia de N. Sª das Graças de Morro do Chapéu (Lei provincial de nº 67)
1841	Descobertos diamantes na região Freguesia de N. Sª das Graças de Morro do Chapéu dando origem à Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Mundo Novo.
1860 – 1880	Auge de ascensão do Povoado de Ventura ligado ao garimpo de diamantes
1864	Foi criada a vila de Morro do Chapéu (Lei Provincial de nº 933), desmembrando-se de Jacobina.
1880	Desmembrada parte da Vila de Morro do Chapéu para o atual município de Mundo Novo
Início séc XX	Auge da extração de carbonato e diamantes no município
1909	A Vila foi elevada à categoria de cidade (Lei Est. Nº 751), por meio do prestígio político do coronel Dias Coelho.
1935	Incentivo do Governo Estadual para Plantio de Mamona
1926	Desmembrada parte do município para o atual município de Irecê
1931	Desmembrada parte do município para o atual município de Wagner
1953	Desmembrada parte do município para o atual município de Utinga
1962	Desmembrada parte do município para o atual município de Cafarnaum e Canarana
Início da década 70	Asfaltamento da BA-052
1975	Novo ciclo com a implantação de pólo cafeeiro na região
1989	Desmembrada parte do município para o atual município de Mulungu do Morro e Bonito
1990	Auge da extração de carvão pela SIDRA
1995	Fechamento da SIBRA

Disponível em: LOBÃO, J. S. B. **ANÁLISE SOCIOAMBIENTAL NO MUNICÍPIO DE MORRO DO CHAPÉU-BA BASEADA EM GEOTECNOLOGIAS**. 2006. Dissertação 265 f. (Mestrado em Geografia), Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2006

## REFERÊNCIAS

- A CARNE É FRACA. Disponível em: <<https://goo.gl/aiOetU>>. Acesso em: 15/06/2011.
- A CONSPIRAÇÃO DA VACA. Disponível em: <<https://goo.gl/5osMuX>>. Acesso em: 11/10/15.
- ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. São Paulo: Loyola, 1999
- ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia do Oprimido. pp.555-562. Dicionário da Educação do Campo. Org. Caldart, Roseli Salete. Rio de Janeiro, Expressão Popular, 2012.
- \_\_\_\_\_, Diversidade. In: CALDART, R. S et al. **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 231-238.
- Akiko Santos. O QUE É TRANSDISCIPLINARIDADE. S/D Disponível em: <[http://www.ufrj.br/leptrans/arquivos/O\\_QUE\\_e\\_TRANSDISCIPLINARIDADE.pdf](http://www.ufrj.br/leptrans/arquivos/O_QUE_e_TRANSDISCIPLINARIDADE.pdf)>. Acesso em: 03/04/17.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Cia. das Letras, 1986. 434p
- BOFF, Leonardo. **Ecologia**. Grito da terra, gritos dos pobres. São Paulo: Ática, 1995.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- BRASIL. **Decreto nº 7.352, 04 novembro de 2010**. Disponível em: <<http://goo.gl/YgDzmR>>. Acesso em: 02 out. 2015.
- BRASIL. **Lei 9.795**. Disponível em: <<http://goo.gl/PqDi6R>>. Acesso em: 02 out. 2015.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <<http://goo.gl/PqDi6R>>. Acesso em: 02 out. 2015.

BRINGEL, Breno e VARELLA, Renata Versiani Scott. **A pesquisa militante na América Latina hoje: reflexões sobre as desigualdades e as possibilidades de produção de conhecimentos**, 2016. Disponível em: <<http://www.journals.usp.br/rdda/article/view/115609/116687>>. Acesso em: 01 de março de 2017

BRÜGGER, Paula. Nós e os outros animais: especismo, veganismo e Educação ambiental. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 15, n. 29, p. 197-214, jul./dez. 2009

CARTA CAPITAL. **Proprietários de terra devem quase 1 trilhão de reais à União**. 2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/proprietarios-de-terra-devem-quase-r-1-trilhao-a-uniao>>. Acesso em: 04/09/2017

CAPRA, F. C. et al. (org.), **Alfabetização Ecológica: A educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAVES, Fábio. **70% das doenças modernas são de origem animal e grande parte delas ligadas à pecuária, afirma ONU em novo relatório**, dez.2013. Disponível em: <<https://goo.gl/zUFEL5>>. Acesso em: 10 nov. 2015

CONCEIÇÃO, Jorge. **Negritude: do espelho quebrado à identidade autêntica**. Salvador: Vento Leste, 2012.

COSTA, Leopoldo. **História da introdução de gado no Brasil**, 2011. Disponível em: <<http://stravaganzastravaganza.blogspot.com.br/2011/02/introducao-de-gado-no-brasil.html>>. Acesso em: 28/08/2017.

CUNEGUNDES, J. **Morro do Chapéu**. Salvador: Gráfica da Bahia, 1989. 120 p.

DANTAS, Antonio Barreto Júnior. **O Diamante Negro**. BA: IGBA. 2006.

FERREIRA, Simone Raquel Batista. Quilombolas. In: CALDART, R. S et al. **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 645-650.

FERNANDES, B. M. **MST - Formação e Territorialização**. 2 ed. Editora Hucitec. São Paulo, 1999

\_\_\_\_\_. Território Camponês. In: CALDART, R. S. et al (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 746 – 750.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes de uma caminhada.** In: CALDART, R. S. et al (Orgs.). Educação do Campo: identidade e políticas públicas. Brasília, DF: Articulação nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. Coleção Por Uma Educação do Campo, no 4.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 34ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2006

\_\_\_\_\_. **A Importância do Ato de Ler.** 5.ed. SP: Cortez, 1985.

FREIRE, Paulo e BETO, Frei. **Essa Escola Chamada Vida.** 11. ed. SP: Ática, 2001

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra.** 6. ed. São Paulo: Peirópolis, 2009.

GARCIA, R. M. C. **Políticas de inclusão e currículo.** Livro 3. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina.** 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GRAMSCI, Antonio . Os intelectuais e a organização da cultura. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HAI, Ching. **Da Crise à Paz.** Brasil: Love Ocean, 2011.

IBGE, Censo Agropecuário 2006. Disponível em: <  
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/morro-do-chapeu/panorama>>. Acesso em: 30/04/18.

\_\_\_\_\_. Censo Populacional 2010. Disponível em: <  
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/morro-do-chapeu/panorama>>. Acesso em: 30/04/18.

LAGO, Antônio & PÁDUA, José Augusto. O que é Ecologia. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LENCIONI, Sandra. Acumulação primitiva: um processo atuante na sociedade contemporânea. **Revista Confins**, n. 14, 2012.

LOBÃO, J. S. B. **Análise socioambiental no município de Morro do Chapéu-BA baseada em geotecnologias.** 2006. Dissertação 265 f. (Mestrado em Geografia), Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2006

LOPES, Sérgio Azevedo. **Um Balanço da Luta pela Terra em Sergipe – 1985/2005.** Disponível em: < <http://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/eliano.pdf>>. Acesso: 28/08/17

NAVARRO, Roberto. **Nomes das tribos indígenas brasileiras,** 2013. Disponível em: <<http://tist-fla.blogspot.com.br/2013/03/braziliai-oshonos-torzsek-nevei-nomes.html>>. Acesso: 28/08/2017.



MARX, Karl. **A Origem do Capital: a Acumulação Primitiva**. SP: ISKRA, 2015.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MOLINA, Mônica C. e JESUS, Sônia Meire S. A. (orgs.) **Contribuições para a Construção de um Projeto de Educação do Campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 2004. (Coleção Por Uma Educação do Campo, v. 5).

MORAES, Denis. **Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci**, 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/debates/article/viewFile/12420/8298>. Acesso em: 17/07/2017

MORAES, Maria Cândida e TORRE, Saturno de La Torre. **Pesquisando partir do pensamento complexo**. Porto Alegre – RS, ano XXIX, n. 1(58), p. 145 – 172, jan./abr.2006a

MORIN, Edgar. **Os Sete Sabres Necessários à Educação do Futuro**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

MORRO DO CHAPÉU (Município). **Lei Orgânica Municipal de Morro do Chapéu**. Câmara de Vereadores, 1990.

OSHO, **Sobre o vegetarianismo**. 2006. Disponível em: <<http://goo.gl/jSTmFF>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

Oliveira, Tory. **O impeachment é o menor dos nossos problemas**. 2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/o-impeachment-e-o-menor-dos-nossos-problemas>> . Acesso em: 04/09/17

PALAVIZINI, R. S. **Uma abordagem transdisciplinar à pesquisa-ação**. NUPEAT–IESA–UFG, v.2, n.1, jan./jun., 2012, p.67–85. Disponível em: Acesso em: 28 de Set. 2016.

REGI CACIQUE. 2006. **Viagem às terras Payayá**. Disponível em: <[http://www.indiosonline.net/viagem\\_as\\_terras\\_payaya/](http://www.indiosonline.net/viagem_as_terras_payaya/)>. Acesso em: 12/12/16

REIS, João, AGUIAR, Gabriela. “‘Carne sem osso e farinha sem caroço’: o motim de 1858 contra a carestia na Bahia”. Revista de História (USP), 135 (1996), pp. 133-161.

SANTOS, Luciana; COSTA, Reginaldo Rodrigues; TREVISAN, Tatiana Santini. **Pesquisa ação e participante: suas contribuições para o conhecimento científico**, 2004. Disponível em: <[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/12\\_38\\_57\\_PESQUISA\\_A\\_ACAO\\_E\\_PARTICIPANTE.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/12_38_57_PESQUISA_A_ACAO_E_PARTICIPANTE.pdf)>. Acesso em: 10/02/2017

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SEÓ, Hiroshi, **Unidade da vida, manual de agricultura natural**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

SOUZA, Jessé (2009). *A Ralé Brasileira: Quem É e Como Vive*, Belo Horizonte: UFMG.

SINGER, Peter. *Ética prática*. 2. ed. Trad.: Jefferson L. Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1998

SUPER SIZE ME - "A Dieta do Palhaço", 2004. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=W4m28PVkiHA>> Acesso em: 17/09/2016.

TÓTH, István. **Nomes das tribos indígenas brasileiras**, 2013. Disponível em: <<http://tist-fla.blogspot.com.br/2013/03/braziliai-oshonos-torzsek-nevei-nomes.html>>. Acesso: 28/08/2017.

UFRB/PDI. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2010-2014**. Cruz das Almas- BA: UFRB, 2009.

UMA VERDADE MAIS QUE INCONVENIENTE, 2008. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u7LBPHtOBnk>>. Acesso em: 15/06/2016.

## APÊNDICE